

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

LUCIANA DOS SANTOS CERQUEIRA

GALO-DAS-TREVAS: um diálogo entre ciência e literatura

Aspectos de tempo e memória na obra de Pedro Nava

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

LUCIANA DOS SANTOS CERQUEIRA

GALO-DAS-TREVAS: um diálogo entre ciência e literatura

Aspectos de tempo e memória na obra de Pedro Nava

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História da Ciência, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

SÃO PAULO

2009

BANCA EXAMINADORA

Autorizo para fins, exclusivamente, acadêmicos e científicos a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou meios eletrônicos.

Local: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a toda e qualquer iluminação espiritual/intuitiva que me guiou nesse percurso.

Agradeço, de maneira muito especial, a Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista pela orientação, senso de justiça, humanidade e confiança que há muito tempo nos uniu. Ainda há gente nesse.

Agradeço a todos meus familiares, com amor, por tudo.

Agradeço aos meus amigos de sempre: Anaídes, Ivana, Luciamary, Lucio, Marcelo, Marcia, Margarida, Marcos Horácio, Renata, Sonia e Sonia Ferreira pelo apoio e carinho.

Aos amigos-leitores e interlocutores: Domenica de A. Alves, Eliane L. Vasquez, Geralda A. Dias, Jeová Santana, Lourdes B. da S. Sousa e Valdir C. da Silva, por todo incentivo. Agradeço, de maneira muito especial, a minha terapeuta Rosana Rubini e Rodnei William Eugênio (Pai Rodnei d' Oxóssi).

Com muito afeto, agradeço aos colegas docentes e sonhadores: Alessandra, Flavia, Jonny, Luis Augusto, Luis Paulo, Mariana, Miriam, Nilson, Rosa, Sandra Lucia, Úrsula e a Profa. Dra. Vera Bohomoletz Henriques (Livre Docente em Física). E, também, Nayara Abdalla Teixeira, diretora da Escola Estadual Brigadeiro Gavião Peixoto, por sua amizade e seu incentivo. Agradeço, ainda, aos companheiros Alcides Ferreira Góes, Edilza Maria da Silva e Maria Adriana Pagan pelas inúmeras caronas, trocas e bate-papos sobre o nosso percurso no mestrado.

Agradeço, aos professores, Maria Elice Brzezinski Prestes e Paulo José Carvalho da Silva pelo estímulo, respeito e pela delicadeza no trato.

Agradeço aos professores Profa. Dra. Lílian Al-Chueyr Pereira Martins e Prof. Dr. Thomas Augusto Santoro Haddad, que compuseram a banca de qualificação, por suas contribuições que renortearam e refinaram esta pesquisa.

Agradeço à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo pela bolsa de estudos concedida, sem a qual não seria possível a realização deste trabalho.

À minha mãe, Etelvina,
à memória do meu pai, Leonídio,
à memória do meu avó paterno, Manézinho, rezador e benzedor,
à memória de Pedro de Nava,
à cultura popular brasileira em todas as suas formas,
à vida: poesia/memória andança errante...
e ao meu "*Baú de Ossos*" particular.

O defunto

Quando morto estiver meu corpo,
Evitem os inúteis disfarces,
Os disfarces com que os vivos,
Só por piedade consigo,
Procuram apagar no Morto
O grande castigo da Morte.

Não quero caixão de verniz
Nem os ramalhetes distintos,
Os superfinos candelabros
E as discretas decorações.

Quero a morte com mau-gosto!

Dêem-me coroas de pano,
Angustiosas flores de pano,
Enormes coroas maciças,
Como enorme salva-vidas,
Com fitas negras pendentas.

E descubram bem minha cara:
Que a vejam bem os amigos.
Que não a esqueçam os amigos
Que ela ponha nos seus espíritos
A incerteza, o pavor, o pasmo.
E a cada um leve bem nítida
A idéia da própria morte.

Descubram bem esta cara!

Descubram bem estas mãos
Não se esqueçam destas mãos!
Meus amigos, olhem as mãos!
Onde andaram, que fizeram,
Em que sexos demoraram
Seus sabidos quirodáctilos?

Foram nelas esboçados
Todos os gestos malditos:
Até os furtos fracassados
E interrompidos assassinatos.

- Meus amigos! olhem as mãos
Que mentiram às vossas mãos...
Não se esqueçam! Elas fugiram
Da suprema purificação
Dos possíveis suicídios.

- Meus amigos, olhem as mãos!
As minhas e as vossas mãos!

Descubram bem minhas mãos!

Descubram todo o meu corpo.
Exibam todo o meu corpo,

E até mesmo do meu corpo
As partes excomungadas,
As sujas partes sem perdão.
- Meus amigos, olhem as partes...
Fujam das partes,
Das punitivas, malditas partes...

Eu quero a morte nua e crua,
Terrífica e habitual,
Com o seu velório habitual.

- Ah! o seu velório habitual!

Não me envolvam em lençol:
A franciscana humildade
Bem sabeis que não se casa
Com meu amor da Carne,
Com meu apego ao Mundo.

Eu quero ir de casimira:
De jaquetão com debrum,
Calça listrada, plastron...
E os mais altos colarinhos.

Dêem-me um terno de Ministro
Ou roupa nova de noivo...
E assim solene e sinistro,
Quero ser um tal defunto,
Um morto tão acabado,
Tão aflitivo e pungente,
Que sua lembrança envenene
O que resta aos amigos
De vida sem minha vida.
- Meus amigos, lembrem de mim.
Se não de mim, deste morto,
Deste pobre terrível morto
Que vai se deitar para sempre
Calçando sapatos novos!

Que se vai como se vão
Os penetras escorraçados,
As prostitutas recusadas,
Os amantes despedidos,
Como os que saem enxotados
E tornariam sem brio
A qualquer gesto de chamada.

Meus amigos, tenham pena,
Senão do morto, ao menos
Dos dois sapatos do morto!
Dos seus incríveis, patéticos
Sapatos pretos de verniz.
Olhem bem estes sapatos,
E olhai os vossos também.

Pedro Nava

RESUMO

Esta dissertação segue linha de pesquisa História, Ciência e Cultura e terá como objetivo estudar a obra memorialística de Pedro Nava, mais especificamente o quinto volume de suas memórias – *Galo-das-trevas*.

Ao longo da história da humanidade, o tempo tem sido alvo de intensas reflexões em diversas áreas do conhecimento. A ciência e a literatura são dois campos do saber com os quais o homem tem se debruçado para pensar sobre o tema.

Nosso trabalho, dentro de um enfoque interdisciplinar que a história da ciência permite, propõe situar e refletir a tessitura memorialística de Pedro Nava como resultado de um processo dialógico científico-literário do final do século XIX, que influenciou a literatura, no geral, até as memórias do autor escritas a partir segunda metade do século XX, como uma leitura fruto do diálogo entre ciência e literatura.

Palavras-chave: Pedro Nava, arte, ciência e temporalidade.

ABSTRACT

This study follows the line of research History, Science and Culture and its objective is to study the memoirs work of Pedro Nava, specifically the fifth tome of his memories – *Galo das trevas*.

Along of humanity history, the time has been target of intense reflexions in several fields of knowledge. Science and literature are two areas in which the mankind has bend to think about the theme.

Our work, following an interdisciplinary approach which the history of science allows, intends to place and to reflect the memoirs tessitura of Pedro Nava as result of a dialogical scientific-literary from the end of XIX century, which influenced the literature, in general, until this author's memories written from the second half of century XX, as a reading resulting from the dialogue between science and literature.

Keywords: Pedro Nava, art, science, temporality.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Capítulo I – O olhar da ciência e da literatura sobre o tempo.....	14
1. Tempo à luz da ciência.....	16
2. Tempo à luz da literatura.....	30
3. Tempo-memória.....	41
Capítulo II – Pedro Nava, vida e tempo-memória.....	49
1. O Múltiplo Pedro Nava.....	51
2. A tessitura Naveana.....	69
Capítulo III - O tempo-memória em <i>Galo-das-trevas</i>.....	75
1.As memórias de Pedro Nava.....	77
2. <i>Galo das Trevas</i> : o candelabro e o fluxo do tempo.....	82
3. Tempos Naveanos.....	88
a. Tempo cronológico.....	89
b. Tempo subjetivo.....	92
Considerações Finais.....	95
Referências Bibliográficas.....	97

INTRODUÇÃO

No encontro com um texto literário deparamo-nos com muitas questões entrelaçando os escritores, sua tessitura e a literatura. Podemos pensar no ponto de vista biográfico, no estilo do autor, nos fatores sociais e históricos que o envolvem e também nas questões psicológicas.

Em um texto biográfico ou memorialístico somos levados a imaginar que o autor passará em revista sua vida. Mas apenas isto? Como o tempo e a memória aparecem nesses textos?

Tais questionamentos serviram de mote para nossa pesquisa que, sem a pretensão de esgotar o tema ou encontrar respostas definitivas, procurou refletir e analisar a obra de Pedro Nava, sobretudo o quinto volume de suas memórias, *Galo-das-trevas*, de maneira a estabelecer um diálogo entre ciência e literatura através das questões de tempo e memória.

Assim, nosso trabalho seguiu a linha de pesquisa História, Ciência e Cultura tendo como fonte primária a obra memorialística de Pedro Nava a fim de refletir sobre os conceitos de tempo e memória contidos na referida obra.

Um estudo desse tipo, na história da ciência, nos possibilitou uma visão rica, plural a respeito de como dialogam meios aparentemente opostos - ciência e literatura.

Por essa via, segundo nossa leitura, a estética memorialística de Pedro Nava se mostra como um produto marcado pelas mudanças científicas, no que tange ao tempo, que ocorreram no final do século XIX e durante o século XX. Antes dessa revisão e transformação científica, o romance e os outros gêneros

narrativos, de maneira geral, se desenvolviam numa linha começo, meio e fim seguindo uma perspectiva de tempo cronológico.

Esse redimensionamento de tempo e de realidade que a ciência propôs influenciou o mundo literário, pois inseridos em um contexto de mudanças do final do século XIX e início do século XX autores como Proust e Joyce passaram a retratar o tempo literário sob uma perspectiva plural, multifacetada.

Pedro Nava pertenceu à geração de modernistas mineiros, posterior a esses autores. Por ser leitor, sobretudo de Proust, e também de outros autores, Nava manifestou em suas memórias uma abordagem do tempo diferente daquela que privilegiava simplesmente o cronológico no tecer das narrativas.

O autor mineiro teve início de sua produção literária no começo do modernismo com alguns poemas, mas não se ligou exclusivamente à literatura na mocidade e só se voltou a ela, com uma dedicação mais intensa na maturidade, depois de toda uma vida dedicada à medicina.

A obra *Galo-das-trevas* apresenta-se com um conteúdo temporal de narrativa diferenciado das obras anteriores. Ela intensifica questão da ficção versus não-ficção, e também a discussão sobre os níveis de temporalidade.

Para tal análise buscamos aprofundar os estudos de duas categorias indissociáveis: o tempo e a memória, pois estão interligadas e a ciência, a literatura e a filosofia nos oferecem muitos conceitos e interpretações a esse respeito.

Esta dissertação será sistematizada em três capítulos: primeiro: O olhar da ciência e da literatura sobre o tempo; segundo: Pedro Nava, vida, tempo-memória; e terceiro: O tempo-memória em *Galo das trevas*.

No primeiro capítulo analisaremos o tempo à luz da ciência e da literatura, buscando em filósofos e autores reconhecidos suas ideias, pesquisas e sistematização do tema. Refletimos, brevemente, sobre o tempo e a memória.

No segundo capítulo refletimos acerca da biografia de Pedro Nava e, também, de sua produção escrita. Esse capítulo é importante para entendermos o autor no contexto histórico e literário do século XX.

No terceiro capítulo faremos uma reflexão sobre o tempo e a memória relativos em *Galo-das-trevas*. Refletiremos sobre os dois conceitos tempo que identificamos: o tempo cronológico e o tempo subjetivo.

CAPÍTULO I: O OLHAR DA CIÊNCIA E DA LITERATURA SOBRE O TEMPO

(...) no imaginar me finjo e na gigante
lente de um telescópio o olho colando
abismo – apoio a observar o cosmorante

berçário do universo se gerando:
recorre aqui o *big-bang* – o começo (?)
de tudo – borborigma esse *ur-canto*

ou pranto primordial: primeiro nexo
radiocaptado por humano ouvido
da explosão parturiente – seu reflexo

espelhado em rumor: prévio ao estampido
fôra o que? porventura um tempo-zero
de cósmica densidade ensandecido

ao mais extremo? ensimesmado em mero
zerar-se o enigma – esfinge naticega –
sem perguntar-se cala o seu mistério (...) ¹

¹ Haroldo de Campos, *A máquina do mundo repensada*, pp. 62-64.

1. Tempo: à luz da ciência

SE FÔSSEMOS INFINITOS

Fôssemos infinitos
Tudo mudaria
Como somos finitos
Muito permanece

Bertolt Brecht

O tempo sempre foi uma constante preocupação humana. Era percebido pelos homens a partir da observação da natureza, da sucessão dos dias e noites e da permanente mudança que ocorria na vida em seus vários aspectos. Ao longo da história muitos filósofos, poetas, artistas e cientistas refletiram sobre este tema.

Ubiratan D' Ambrosio nos fala a esse respeito:

O fascínio que o ser humano tem pelo futuro se manifesta de várias formas. A mais notável é o mergulho no passado, em busca de explicações e causas para o presente e, assim, de orientação para o futuro.

A espécie humana está, como todas as espécies animais, permanentemente em busca de sobrevivência, mas também busca, como nenhuma outra espécie, transcender o instante e o local da sobrevivência².

E o autor continua afirmando:

² Ana Maria Alfonso-Goldfarb e outros, *Escrevendo a história da ciência: tendências propostas e discussões historiográficas*, p. 165-166.

Nesse processo integrado de sobrevivência e transcendência, o homem troca e acumula experiências remotas no espaço e no tempo, através da comunicação e da memória, desenvolvidas na espécie com características únicas com relação às demais espécies. O homem reconhece os instantes da morte e do nascimento como marcos no encadeamento temporal em que se dá a sobrevivência e adquire o sentido de passado e futuro e, conseqüentemente, historicidade. E passa a contar sobre suas percepções do passado³.

Os primeiros filósofos gregos, chamados filósofos da natureza porque analisavam o mundo físico, indagavam sobre as transformações que ocorriam no seu mundo e que ainda não entendiam. Perguntavam sobre tudo: por que nascemos para depois morrer? Por que a água vira gelo? Por que há dia e há noite? Por que nascemos crianças e ficamos adultos para depois ficarmos velhos e morreremos?

Na busca de respostas para essas questões fica latente a questão do tempo que a tudo transforma. Assim, uma questão básica para a Filosofia é o tempo. De acordo com o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano⁴, na Filosofia há três concepções de tempo: 1) tempo como ordem mensurável de movimento; 2) tempo como movimento intuído; e 3) tempo como estrutura de possibilidades.

Na primeira concepção o tempo é visto como conceito cíclico do mundo e da vida dos homens, vinculando-se às mudanças que ocorrem no mundo. De acordo com o autor, essa concepção é a mais aceita pela ciência moderna. Na segunda, o tempo está vinculado à idéia de consciência, de como os homens percebem o tempo, trazendo a visão de tempo subjetivo que será aprofundado

³ Ana Maria Alfonso-Goldfarb e outros, *Escrevendo a história da ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*, p. 166.

⁴ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, p. 944-948.

pela Psicologia. A terceira concepção surgiu da filosofia existencialista que interpreta o tempo em termos de condições e possibilidades de concretização dos fatos.

A primeira concepção, em referência, foi desenvolvida por Platão e Aristóteles que consideravam, entre outras coisas, o tempo como um movimento ordenado que reproduzia o ser eterno. Platão entendia que os ciclos da vida, como o nascimento, crescimento e morte, as estações do ano eram movimentos contínuos e perfeitos que revelavam a imutabilidade do ser eterno. Aristóteles afirmava que o tempo é “o número do movimento segundo o antes e o depois⁵”, mostrando essa idéia de ordenamento do tempo. Os seguidores desses filósofos aprofundaram e desenvolveram essa concepção.

A segunda concepção foi formulada por Hegel que considerava o tempo de acordo com a percepção do eu, da autoconsciência pura. Para Hegel e seus seguidores, o tempo só existe na alma humana e na alma do mundo, sendo abstrato e intuído. Para essa concepção o tempo é um *devir* buscando um futuro que ainda não existe.

A terceira concepção de tempo como possibilidade é dos filósofos existencialistas dos quais um dos precursores foi Martin Heidegger (1889-1976). Para os existencialistas o tempo é um *por-vir*, ou nas palavras de Heidegger o tempo é “o porvir do ente para si mesmo na manutenção da possibilidade característica como tal⁶”. Dessa forma, para essa concepção, o futuro não está pronto, mas poderá ser construído pelos próprios homens de acordo com suas escolhas.

⁵ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, p. 944-948.

⁶ Idem, p. 944-948.

Muitas teorizações a respeito do tempo foram feitas porque é comum nos perguntarmos sobre a nossa vida e tempo, além de querermos saber sobre o início e o fim de tudo, na busca não apenas de uma identidade, mas de uma resposta sobre nossa existência. O fato de sermos finitos e de morrermos, faz com que tenhamos medo da passagem do tempo que nos leva inexoravelmente ao envelhecimento e à morte. Assim, o homem busca na religião, nas artes, na literatura e em outras tantas áreas do conhecimento humano respostas para algumas questões.

O pensamento que predominou na Idade Média relativo ao tempo e à vida dos homens estava ligado a Deus criador de tudo, que é eterno e não tem começo nem fim. Nas palavras de Santo Agostinho:

Sendo, pois, Vós o obreiro de todos os tempos – se é que existiu algum tempo antes da criação do céu e da terra –, por que a razão se diz que Vos abstinheis de toda a obra? Efetivamente fostes Vós que criastes esse mesmo tempo, nem ele podia decorrer antes de o criardes! Porém, se antes da criação do céu e da terra não havia tempo, para que perguntar o que fazíeis *então*? Não podia haver “então” onde não havia tempo. Não é no tempo que Vós precedeis o tempo, pois, doutro modo, não seríeis anterior a todos os tempos.

Precedeis, porém, todo o passado, alteando-Vos sobre ele com a vossa eternidade sempre presente. Dominais todo o futuro porque está ainda para vir. Quando ele chegar, já será pretérito. “Vós pelo contrário, permaneceis sempre o mesmo, e os vossos anos não morrem⁷.”

A concepção de tempo em Santo Agostinho aproxima-se de Hegel, para o qual o homem não muda e as coisas não se transformam. No Livro XI de suas *Confissões*, que são dirigidas diretamente a Deus, Santo Agostinho faz uma longa indagação sobre o tempo, colocando que apesar de o tempo ser

⁷ Santo Agostinho, *Os pensadores*, p. 217.

algo imutável, ele está ligado à percepção individual. Porém, suas afirmações são carregadas de dúvidas sobre o ser e o não ser do tempo. Depois de organizar a sua concepção de tempo a partir de várias questões concretas, como o antes, o agora e depois, analisando o passado, presente e futuro, o filósofo conclui afirmando que, para Deus, o tempo não existe, uma vez que Ele é eterno. Resolve assim essa questão complicada para ele.

Caminhando um pouco mais no tempo chegamos aos séculos XVI e XVII, nos quais, segundo afirma Ana Maria Haddad Baptista, “houve uma grande transformação nas ciências naturais, o mesmo ocorreu no terreno das idéias filosóficas, estas bastante conectadas aos conceitos essenciais da ciência ⁸”. Nessa fase há uma reviravolta no pensamento, pois ocorrem várias descobertas científicas: com as grandes navegações descobre-se, na prática, que o mundo é redondo, que a terra gira em torno do sol e não o contrário como se pensava. Ocorre um grande entusiasmo na ciência e o homem começa a sentir-se o centro do mundo.

Nessa época surgem vários “cientistas” que se destacaram, como é o caso, Galileu Galilei (1564-1642) que descobre o movimento dos planetas. É atribuída a ele a famosa frase: “e tudo se move”. Galilei “descobriu” a lei da inércia que afirma que um corpo está em repouso até que algo o obrigue a mover-se. Porém, foi Isaac Newton (1642-1727) que desenvolveu essa idéia. Newton realizou pesquisas em muitas áreas, mas vamos nos ater às questões temporais, “a mecânica racional – em linguagem mais familiar, a ciência da dinâmica – foi o coração da ciência newtoniana⁹”. Nas palavras de Newton:

⁸ Ana Maria Haddad Baptista, *Bifurcações do tempo-memória na literatura*, 50.

⁹ Bernard Cohen e Richard S. Westfall, *Newton – Textos, antecedentes e comentários*, p. 271.

O tempo absoluto, real e matemático, por si só e por sua natureza, flui uniformemente, sem relação com qualquer coisa externa, e recebe também o nome de duração; o tempo relativo, aparente e comum é uma medida sensível e externa (precisa ou desigual) da duração por meio do movimento, que é comumente usado em lugar do tempo verdadeiro, como uma hora, um dia, um mês ou um ano¹⁰.

E Newton prossegue afirmando:

[...] Todos os movimentos podem ser acelerados e atrasados, mas o fluxo do tempo absoluto não é passível de nenhuma mudança. A duração ou perseverança da existência das coisas continua a mesma, quer os movimentos sejam velozes ou lentos, ou ainda inexistentes; [...] Assim como a ordem das partes do tempo é imutável, também imutável é a ordem das partes do espaço. Supondo-se que essas partes fossem movidas para fora dos lugares, elas seriam movidas (se é lícito usar essa expressão) para fora de si mesmas. Pois tempos e os espaços são como os lugares deles mesmos e de todas as outras coisas. Todas as coisas situam-se no tempo na ordem de sucessão, e no espaço, na ordem da situação. É por sua essência ou natureza que eles são lugares, e é absurdo que os lugares primários das coisas sejam móveis. Trata-se, portanto, de lugares absolutos, e as translações para fora desses lugares são únicos movimentos absolutos¹¹.

Newton considerava o tempo de forma linear e contínuo, retomando, muitos pontos das concepções aristotélicas. Para ele, o tempo não tem começo e nem fim e é independente do universo físico, portanto imutável. Ele concebia o tempo apenas em forma de duração e não de transformação, como se não influenciasse nas mudanças externas.

No início do século XX, conforme é sabido, Albert Einstein (1879-1955) formula, entre outras coisas, a teoria da relatividade, mostrando-nos que o

¹⁰ Bernard Cohen e Richard S. Westfall, *Newton – Textos, antecedentes e comentários*, 283.

¹¹ Idem, 285.

tempo e o espaço são inseparáveis, ainda que para o senso comum pareçam ser independentes. Em suas palavras:

Um relógio em repouso, em relação ao sistema da inércia, define o tempo local. Os tempos locais de todos os pontos do espaço tomados em conjunto constituem o “tempo”, que pertence ao sistema da inércia dado, se for fornecido um meio de “acertar” os relógios entre si. Vemos que, *a priori*, não é necessário que os “tempos”, assim definidos em diferentes sistemas de inércia, concordem entre si¹².

Como vimos, Einstein mostra que não há um tempo, mas muitos “tempos” ocorrendo simultaneamente. Notamos que um dos principais fundamentos da teoria da relatividade, é justamente mostrar que não há um único tempo no Universo. Nas palavras de Einstein:

A teoria da relatividade é a teoria física que se baseia numa interpretação física coerente de desses três conceitos [movimento, espaço e tempo]. O nome “teoria da relatividade” está ligado ao fato de que o movimento, do ponto de vista da experiência possível, aparece sempre como o movimento relativo de um objeto em relação a outro (por exemplo, de um automóvel com referência ao solo, ou da terra em relação ao Sol e às estrelas fixas). O movimento jamais é observável como “movimento em relação ao espaço”, ou, como já se expressou, como movimento absoluto. O “princípio da relatividade”, em seu sentido mais amplo, está contido na afirmação: a totalidade dos fenômenos físicos é de caráter tal que não fornece base para a introdução do conceito de “movimento absoluto”; ou de forma mais breve, mas menos precisa não há movimento¹³.

A filosofia dialoga com a física e mostra que nem tudo que é concreto e palpável é real. O tempo pode ser também a nossa noção interna e subjetiva. Edmund Husserl¹⁴ (1859-1938) argumentava que o homem encontrava a si

¹² Albert Einstein, *Notas autobiográficas*, p. 56-57.

¹³ Albert Einstein, *Escritos da Maturidade*, p. 43.

¹⁴ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, p.438-439.

mesmo no tempo. Esse filósofo foi chamado de fenomenológico, por considerar que as coisas se voltam a si e são manifestações de fenômenos. O vocábulo fenômeno pode ser definido como manifestação de alguma coisa e sua percepção dela que pode ser diferente de acordo com a pessoa. Assim, o tempo, para Husserl, é interno e está ligado à sua própria consciência e intuição do ser e estar no mundo.

O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) dialogou com a concepção de tempo de uma forma um tanto irônica. Em *A Gaia Ciência*, Nietzsche imaginava um tempo hipotético no qual tudo se repete eternamente, que foi chamado de “eterno retorno”:

Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e seqüência - e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez - e tu com ela, poeirinha da poeira!¹⁵.

Essa circularidade de tempo, para Nietzsche, seria insuportável porque o tempo se repetiria incessantemente.

Os filósofos existencialistas¹⁶, Heidegger e depois Jean Paul Sartre, ampliam a concepção de tempo. Para eles, o homem, condenado à liberdade, tem condições de escolher entre o ser e o nada. O sentido da vida tão buscado pelo homem, também por meio das várias correntes filosóficas, no existencialismo é colocado como fazendo parte do porvir, algo que o próprio

¹⁵ Nietzsche, *Os pensadores, A Gaia Ciência*, p. 193.

¹⁶ João da Penha, *O que é existencialismo*, p. 25-78.

homem constrói a partir de suas escolhas. Essas que lhe causam enorme angústia, que faz parte do próprio ato de viver e decidir dentre várias possibilidades. Assumindo o projeto de ser e construindo-o, a angústia se abrandava.

A todo o momento, lidamos com processos irreversíveis, ou seja, não temos como voltar atrás, apesar da fantasia humana de querer construir uma máquina do tempo ou mesmo um túnel que nos faça voltar e quiçá consertar, lapidar ou aperfeiçoar os acontecimentos. A esse respeito Ana Haddad nos diz:

(...) objetiva e fisicamente, flexibilidade temporal, em todos os sentidos, existe somente na literatura, no cinema, visto que uma das descobertas essenciais para a história do conhecimento foi a lei da irreversibilidade na natureza, inteiramente relacionada com a direção do tempo¹⁷.

Segundo François Jacob (1920):

A flecha do tempo encontramos-la nós através do conjunto do mundo vivo, que é produto de uma evolução do tempo. Encontramos-la também no interior de cada organismo sem cessar durante toda sua vida. O passado e o futuro representam direções totalmente diferentes. Cada ser vivo caminha do nascimento à morte¹⁸.

E o autor continua:

O sistema genético e o sistema imunitário funcionam pois como memórias que registram o passado da espécie e o passado do indivíduo, respectivamente. Mas um ser vivo não é apenas o último elo de uma cadeia ininterrupta de organismos. A vida é um processo que não se limita a registrar o passado, mas se vira para o futuro. Segundo parece, o sistema nervoso surgiu como aparelho para coordenar o

¹⁷ Ana Maria Haddad Baptista, *Bifurcações do tempo-memória na literatura*, p. 60.

¹⁸ François Jacob, *O jogo dos possíveis*, p. 109.

comportamento de diversas células nos organismos multicelulares. Tornou-se depois máquina registradora de determinados acontecimentos da vida do indivíduo. E, finalmente, tornou-se capaz de inventar o futuro¹⁹.

Ilya Prigogine (1917-2003) ganhador do Prêmio Nobel de Química de 1977 por seus estudos em termodinâmica de processos irreversíveis, em consonância com Jacob assinala:

É necessário sublinhar que a irreversibilidade é uma propriedade comum a todo universo: todos envelhecemos na mesma direção. Também se pode conceber que um meu amigo rejuvenesça enquanto envelheço, ou que eu rejuvenesça enquanto ele envelhece. Mas isto não verifica: parece que existe uma flecha do tempo comum a todo o universo (...)²⁰.

Alan Lightman (1948) é físico romancista e ensaísta estadunidense possui diversas obras tanto no campo da física como da literatura, em *Sonhos de Einstein*, nessa obra há conto *11 de maio de 1905*, que ilustra o diálogo entre ciência e literatura e aponta para a questão da flecha do tempo:

Caminhando pela Marktgasse, vê-se uma imagem assombrosa. As cerejas nas bancas de frutas estão alinhadas em fileiras, os chapéus na chapelaria estão empilhados impecavelmente, as flores nas sacadas arranjadas em perfeita simetria, não há migalhas no chão da padaria, não há leite derramado no piso da despensa. Nada está fora de lugar.

Quando um grupo alegre deixa um restaurante, as mesas estão mais limpas do que antes. Quando um vento sopra suavemente na rua, a rua fica limpa, a sujeira e a poeira são levadas para a periferia da cidade. Quando a maré explode na costa, a costa se reconstrói. Quando as folhas caem das árvores, as folhas alinham-se como a revoada de pássaros em formação V. Quando as nuvens adquirem a forma de rostos, os rostos permanecem. Quando um cano solta fumaça em uma sala, a fuligem concentra-se em

¹⁹ François Jacob, *O jogo dos possíveis*, p. 112.

²⁰ Ilya Prigogine, *O nascimento do tempo*, p. 36.

um dos cantos, deixando o ar limpo. Sacadas pintadas expostas ao vento e á chuva ficam mais brilhantes com o passar do tempo. O estrondo do trovão faz um vaso quebrado restaurar-se, os cacos de uma peça de louça saltarem de volta para as posições exatas onde cabem e se encaixam. A fragrância de uma carroça de canela aumenta com o tempo, não se dissipa.

Esses acontecimentos parecem estranhos?

Neste mundo, a passagem do tempo faz aumentar a ordem. Ordem é a lei da natureza, a tendência universal, a direção cósmica. Se o tempo é uma flecha, esta flecha aponta para a ordem. O futuro é padrão, organização, união, intensificação; o passado é acaso, confusão, desintegração, dissipação.

Filósofos argumentam que, sem uma tendência no sentido de ordem, o tempo não teria significado. O futuro não poderia ser diferenciado do passado. Seqüências de eventos seriam apenas inúmeras cenas aleatórias de milhares de romances. A história seria indefinida, como a bruma que lentamente se acumulou em torno dos cumes das árvores durante a noite.

Em um mundo como este, as pessoas com as casas bagunçadas ficam deitadas em suas camas esperando que as forças da natureza soprem a poeira dos seus parapeitos e arrumem os sapatos em seus armários. As pessoas cujos negócios são desorganizados podem sair e fazer um piquenique enquanto suas agendas são ordenadas, suas reuniões marcadas, suas contas equilibradas. Batons e pincéis e cartas podem ser jogados dentro das bolsas com a satisfação de que se ajeitarão automaticamente. Jardins nunca precisam ser desbastados, ervas daninhas nunca precisam ser arrancadas. Escrivainhas ficam organizadas no final do dia. Roupas deixadas no chão à noite encontram-se penduradas em cadeiras na manhã seguinte. Meias perdidas reaparecem.

Se um viajante chega a uma cidade na primavera, vê uma imagem assombrosa. Pois na primavera as pessoas ficam cansadas de tanta ordem em suas vidas. Na primavera, as pessoas viram furiosamente suas casas de pernas para o ar. Varrem sujeira para dentro, destroem cadeiras, quebram janelas. Na Aarberggasse, ou qualquer outra avenida residencial, ouve-se, na primavera, os sons de vidro quebrado, gritos, uivos, risadas. Na primavera, as pessoas se encontram sem combinar; queimam suas agendas, jogam fora seus relógios, bebem a noite inteira. Este descontrole histórico continua no verão, quando as pessoas recuperam o juízo e voltam à ordem²¹.

Lightman nesse conto brinca com a irreversibilidade do tempo, mostrando-nos 'acontecimentos estranhos' possíveis apenas na literatura e no

²¹ Alan Lightman, *Sonhos de Einstein*, pp. 63-66.

cinema. O que nos inspira a pensar que mesmo um físico, quando produz literatura ficcional pode transgredir a ordem temporal.

A partir do século XX, a noção de tempo vai sendo cada vez mais relativizada. Edgar Morin (1921), um dos teóricos que abordam questões relativas à interdisciplinaridade, em seu livro *Cultura de Massas no Século XX* discorre sobre o tema a partir do avanço tecnológico, sugerindo que o tempo passa a transcorrer na velocidade de *flashes*:

Um presente sempre novo é irrigado pela cultura de massa. Presente estranho, por ser, ao mesmo tempo, vivido e não vivido; é vivido mentalmente enquanto os corpos sofrem a reputação e a similitude da vida quotidiana (levantamo-nos à mesma hora, comemos à mesma hora, etc.); os olímpicos é que vivem plenamente. Mas esse presente, ventilado nos olhos e ouvidos da humanidade quotidiana, funciona como respiradouro para o espírito. O tempo acelerado e acelerador, que leva seus passageiros, duplica a aderência ao presente em movimento²².

Para Morin, esse tempo acelerado leva o ser humano a senti-lo como que escorrendo pelos vãos de seus dedos, o que lhe causa angústia. Ele busca superá-la nas diversões superficiais e no consumo de bens materiais. Porém, esse comportamento além de não aliviar essa angústia, acaba por aumentá-la, o que leva a uma neurose social, provocando as conturbações de nossa sociedade atual.

Essa aceleração do tempo começou a ser sentida no final do século XIX quando surgem as máquinas industriais e os automóveis. Se andando a cavalo se chegava a um lugar distante em um tempo determinado, de automóvel isso se dá de forma muito mais rápida. Dessa forma, o tempo não é apenas o que

²² Edgar Morin, *Cultura de massas no Século XX*, volume 1 – Neurose, p. 176-180.

se define pela ciência, mas como se percebe a sua passagem pelo deslocar no espaço também.

Gerald James Whitrow, também, fala-nos a respeito do tempo e como o percebemos:

O tempo é certamente uma característica fundamental da experiência humana, mas nada prova que tenhamos um sentido especial do tempo, como temos a visão, a audição, o tato, o paladar ou o olfato. Nossa experiência direta do tempo é sempre do presente, e nossa idéia dele surge da reflexão sobre a experiência. No entanto, enquanto nossa atenção está concentrada no presente, tendemos a não ter consciência do tempo. Um 'sentido do tempo' envolve alguma sensação ou consciência de duração, mas isso depende de nossos interesses e do modo como focalizamos nossa atenção²³.

E nos diz ainda que:

Experimentamos uma sensação de duração sempre que relacionamos a situação presente a experiências passadas ou a expectativas e desejos futuros. Não há evidência de que nascemos com qualquer sentido de consciência temporal, mas nosso sentido de expectativa se desenvolve antes de nossa consciência de memória²⁴.

O tempo transforma as coisas ou é nossa percepção das transformações que nos leva à noção de tempo? Jostein Gaarder (1952), pela boca do seu personagem no romance *O mundo de Sofia* nos esclarece:

Não vivemos apenas em nosso próprio tempo. Carregamos conosco também a nossa história. Não se esqueça de que tudo o que você está vendo hoje aqui já foi novinho em folha um dia. Esta pequena boneca de madeira do século XVI, por exemplo, talvez tenha sido feita para a festa de quinze anos de uma garota. E talvez tenha sido feita

²³ Gerald James Whitrow, *O tempo na história*, p. 17.

²⁴ Idem, p. 17.

por seu avô já bem velho... Depois a garota virou adolescente, cresceu e se casou. E talvez ela também tenha tido uma filha, que herdou essa boneca. Depois ela foi ficando velha, até que deixou de existir. É possível que ela tenha vivido uma longa vida, mas agora não existe mais. E nunca mais vai voltar. No fundo ela apenas fez uma visita à Terra. Sua boneca, porém... esta sim está bem sentadinha ali na estante²⁵.

Gaarder mostra que a vida é breve e a arte é longa, sobrevive ao tempo e a nós, e também que o tempo e a memória estão entrelaçados, como que para conservar a nossa história e a nossa memória. No diálogo, em questão, ele está contando a Sofia que as coisas têm história e que conservam muitas memórias, o que faz os seres humanos diferentes dos animais porque nos perguntamos por que existimos e por que deixamos de existir simplesmente.

A passagem do tempo, como explicita o autor, é uma das maiores angústias humanas desde tempos quase que imemoriais. Porém, essa angústia não encontra solução a não ser pela preservação da memória. Talvez mais relevante que pensar sobre o tempo seja conservar a nossa história, a nossa memória.

²⁵ Jostein Gaarder, *O mundo de Sofia*, p. 214.

2. Tempo: à luz da literatura

[...] Captar a nossa vida; e também a dos outros; pois o estilo para o escritor como para o pintor é um problema não de técnica, mas de visão. É a revelação, impossível por meios diretos e conscientes, da diferença qualitativa decorrente da maneira pela qual encaramos o mundo, diferença que, sem a arte, seria o eterno segredo de cada um de nós. Só pela arte podemos sair de nós mesmos, saber o que vê outrem de seu universo que não é o nosso, cujas paisagens nos seriam tão estranhas como as porventura existentes na Lua. Graças à arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si do que os que rolam no infinito, e que, muitos séculos após a extinção do núcleo de onde emanam, chame-se este Rembrandt ou Vermeer, ainda nos enviam seus raios.

Marcel Proust

Se o tempo é uma preocupação humana, é na literatura que o ser humano encontra um espaço privilegiado para expressar suas angústias, uma vez que ao escrever e criar de forma literária ele pode livremente exprimir os seus sentimentos sem amarras.

O mais clássico dos conceitos a respeito da literatura parece-nos ser o de Aristóteles²⁶ que, na sua época, chamou a Literatura de Poética, porque os textos literários escritos nessa fase eram em forma de poesia. Afirmou Aristóteles:

²⁶ Aristóteles, como se sabe, filósofo grego, nasceu em Estagira, na Calcídica (384 a. C. – 322 a. C.) é considerado um dos mais influentes filósofos, ter prestado importantes contribuições em diversas áreas do conhecimento humano e, ainda, por ter influenciado o pensamento ocidental.

A epopéia, a tragédia, assim como a poesia ditirâmbica e a maior parte da aulética e da citarística, todas são, em geral, imitações. Diferem, porém, uma das outras, por três aspectos: ou porque imitam por meios diversos, ou porque imitam por modos diversos e não da mesma maneira²⁷.

Para Aristóteles a Literatura ou Poética, como a denominava, era uma imitação da realidade. O que diferia entre as formas poéticas era apenas o modo de imitar. Para o filósofo, imitar é algo natural ao homem, uma capacidade inata e uma forma de aprendizagem. Dessa forma, a origem da arte literária, seja pela poesia ou pela arte dramática, o teatro, era uma busca de representação do mundo para apreendê-lo e para a contemplação do belo a fim de sentirmos prazer estético. Ainda que contestado algumas vezes, esse conceito aristotélico tem sido utilizado como uma importante definição.

Além de Aristóteles, muitos outros pensadores e poetas, da Antiguidade aos nossos contemporâneos, se embrenharam na tarefa de conceituar a arte da palavra. Notemos o que afirmou o poeta Ezra Pound:

Literatura é a linguagem carregada de significado. Grande Literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível. A literatura não existe no vácuo. Os escritores como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores²⁸.

Como podemos entender essa significação? Não há conhecimento sem que esteja ligado a uma época da vida humana, portanto, sem que esteja inserido num determinado tempo e espaço. Assim como a ciência, a literatura é

²⁷ Aristóteles, *Os pensadores*, p. 201.

²⁸ Ezra Pound, *ABC da Literatura*, p. 40.

tecida no tempo. Lembremos que a palavra texto vem do latim *textu* significação tecido, tecer, tessitura de entremear fios²⁹.

Então, é possível inferirmos que a arte, a ciência e a literatura são áreas do conhecimento humano ‘carregadas até o máximo grau possível de temporalidade e memorialismo’, pois elas estão intimamente ligadas a nossa existência.

Ana Maria Haddad Baptista nos esclarece mais sobre a literatura:

A literatura possui outra forma de construção, de registro: a materialização subjetiva da literatura se dá sob uma perspectiva predominantemente subjetiva, perceptiva, intuitiva e não racional. O terreno aqui é o da inventividade, visto que possui liberdade total. Literatura, tacitamente, é ficção. Não que a literatura seja um terreno com autonomia absoluta, seria muito ingênua tal afirmação, no entanto, goza da liberdade que a ficção permite³⁰.

Essa liberdade o escritor expressa por essa “linguagem carregada de significação”. A ficção possui potencial criativo e pode criar mundos e tempos inexistentes no mundo real. Vejamos como exemplo o romance *Drácula*, de Bram Stoker³¹. Nesse romance há uma relação entre o mundo real e o irreal, pois o autor junta a ficção, a superstição em torno de um suposto vampiro com o avanço da ciência e da medicina que estavam em evidência nessa época.

Nessa narrativa aparece ainda o surgimento do cinema, uma novidade para o momento. O herói da história, professor Van Helsing, é uma mistura de professor, médico, advogado, filósofo e cientista. Ele usa os seus

²⁹ Segundo a mitologia grega, a importância dos fios para a vida, para as histórias, para o ato contar histórias primeiramente com Penélope com seu eterno tecer/destecer/tecer, e ainda com Ariadne que, com seu lógico, novelo de lã ajuda Teseu a não se perder no labirinto de Creta, após matar o Minotauro. Lembremos, ainda, Cloto, Láquesis e Átropos, as Moiras que teciam o destino dos homens e dos deuses.

³⁰ Ana Maria Haddad Baptista, *Tempo-memória*, p. 86.

³¹ Bram Stoker publicou *Drácula* em 1897.

conhecimentos científicos contra o vilão, o conde Drácula. Assim, dentro do mundo irreal que é a criação de um vampiro, ser mitológico e folclórico, o autor cria e mostra também um mundo real que começa a modificar-se pelo avanço científico.

É o velho e o novo convivendo dialeticamente e isso é o que fascina nessa literatura influenciada pela ciência. A ciência tem tido um papel dentro da literatura e as duas se influenciam mutuamente. Dessa forma, a memória trazida pela literatura acaba tendo uma função importante de preservação.

Nas palavras de Marcel Proust:

O literato inveja o pintor, gostaria de tomar instantâneos, notas, e estará perdido se o fizer. Mas quando escreve, não há um só gesto de suas personagens, um tique, um modo de falar que não lhe sejam ditados à inspiração pela memória; não há um nome de personagem inventada sob o qual não possa colocar sessenta nomes de pessoas reais, das quais uma pousou para os trejeitos, outra para o monóculo, esta para a cólera, aquela para o movimento imponente do braço, etc³².

Essa inveja do pintor surge da necessidade de preservação da história, da memória individual e coletiva que o escritor vai tecendo no texto literário, como se pintasse um quadro do mundo em que vive.

Uma das tentativas de explicar o tempo vem da mitologia grega. O mito é uma forma de entender a realidade e tem profundas ligações com o inconsciente. Uma das formas de entendermos as mudanças temporais, o nascimento, a morte está ligada ao mito de Chronos. A palavra Chronos é etimologicamente ligada a tempo, embora, de acordo com Junito de Souza

³² Marcel Proust, *O tempo redescoberto*, p. 175.

Brandão³³, não haja confirmações para isso. Porém, já está consolidado no imaginário popular até mesmo na idéia de passagem de tempo, chamado de cronológico.

Chronos era filho de Urano, que devolvia seus filhos ao seio materno, impedindo que eles nascessem. Géia, a mãe, resolveu libertar os filhos e lhes pediu que se vingassem do pai tirano. Os outros se recusaram, exceto Chronos que castrou o pai e se casou com sua irmã Réia. Porém, com medo de ter um destino semelhante ao do pai, engolia os seus filhos assim que nasciam. Quando nasceu Zeus, Réia colocou em seu lugar uma pedra que foi engolida por Chronos. Zeus foi cuidado pelos deuses, em Creta. Quando tinha idade suficiente, obrigou o pai a beber uma poção mágica que o fez vomitar os seus irmãos, castrou-o, matando-o e assumindo o seu lugar. Depois da vitória de Zeus, ele se converteu em o pai dos homens e dos deuses, dando estabilidade à sociedade grega da época³⁴.

A simbologia de Chronos engolir os seus filhos tem sido interpretada como o tempo que engole o homem, filho da terra que surge da terra e a ela volta depois de morrer. Somente um deus imortal, como Zeus, é capaz de destruir o tempo e reinar eternamente. Buscando essa explicação mítica, o homem resolve parte de sua angústia em relação a seu medo da morte, de simplesmente deixar de existir. E uma forma de manter longe o medo é contando histórias.

O ato de contar histórias está ligado à própria história da humanidade como forma de mostrar a experiência humana e fazê-la perpetuar. Os seres humanos sempre contaram histórias para preservar a sua memória e sua vida.

³³ Junito de Souza Brandão, *Dicionário Mítico Etimológico*, vol. 1, p. 252-253.

³⁴ Hesíodo, *Teogonia: a origem dos deuses*, p.131-133.

Todas as culturas têm contadores de histórias. Na África, as tribos elegiam um contador de história próprio, chamado de *griot*, para contar a história da tribo para seus descendentes. Geralmente, era uma pessoa mais velha e considerada sábia pelo seu povo. Os povos indígenas brasileiros também tinham seu contador de histórias. Na Grécia antiga havia os *aedos* que tinham a mesma função. Isso quando ainda não havia escrita e as histórias eram preservadas por tradição oral.

Os árabes têm suas histórias clássicas, conhecidas como *As mil e uma noites*. Surgida de relatos orais, essas histórias são contadas por Sherazade. Ao contar histórias, ela está preservando a própria vida e lutando por ela. Sherazade é um símbolo do narrador, o preservador da memória que cuida para que a memória coletiva não morra. O mundo muda, as coisas se transformam, inclusive a arte de contar histórias. No mundo atual, as histórias são transmitidas de inúmeras formas além da oralidade, pela literatura escrita, pelas novelas de televisão, pelo cinema, etc.

Walter Benjamin (1892-1940) fala sobre a importância de contar histórias para se conservar a memória coletiva:

O contar histórias é algo que sempre se renova, e assim é a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde, porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história³⁵.

Benjamin fala do ato humano de contar histórias nas rodas familiares, enquanto se trabalha, em momentos utilizados para manter unida a

³⁵ Walter Benjamin, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*, p. 220-221.

coletividade que começa a se perder no nosso mundo. Com essa fala percebemos a importância da conservação da memória através de contar e ouvir histórias, algo sempre fascinante para todos os povos e todas as idades.

Acerca deste aspecto o pensador contemporâneo Pierre Levy (1956) afirma:

Se a humanidade construiu outros tempos, mais rápidos, mais violentos que os das plantas e animais, é porque dispõe deste extraordinário instrumento de memória e de propagação das representações que é a linguagem. (...) Linguagem e técnica contribuem para produzir e modular o tempo.

Seja nas mentes, através de processos mnemotécnicos, no bronze ou na argila pela arte do ferreiro ou do oleiro, seja sobre o papiro do escriba ou o pergaminho do copista, as inscrições de todos os tipos – e em primeiro lugar a própria escrita – desempenham o papel de travas de irreversibilidade. Obrigam o tempo a passar apenas em um sentido; produzem história, ou melhor, várias histórias com ritmos diversos³⁶.

Levy fala das transformações sociais ocorridas no mundo com o advento da tecnologia. Dessas tecnologias uma das mais importantes é a linguagem que preserva a técnica e a repassa às gerações posteriores que a aprende e a aprimora.

Octavio Paz (1914-1998) nos oferece um conceito sobre o poema e entendemos que tal análise da expressão literária se harmoniza com as palavras de Pierre Levy de maneira a problematizá-lo como histórico e sua relação com o tempo. Ele afirma:

(...) Sem a história – nem os homens, que são a origem, a substância e o fim da história – o poema não poderia nascer nem encarnar; e sem o poema tampouco haveria história, porque não haveria origem nem começo.

Pode concluir-se que o poema é histórico de duas maneiras: a primeira, como produto social; a segunda, como criação que transcende o histórico mas que, para ser

³⁶ Pierre Levy, *As tecnologias da inteligência*, 76.

efetivamente, necessita encarnar-se de novo na história e repetir-se entre os homens. E esta segunda maneira ocorre-lhe por uma categoria especial: um tempo que é sempre presente, um presente potencial e que não pode realmente realizar-se a não ser fazendo-se presente de uma maneira concreta em um aqui e um agora determinados. O poema é um tempo arquetípico; e por sê-lo é tempo que se encarna na experiência concreta de um povo um grupo ou uma seita³⁷.

E o autor prossegue com seus conceitos a respeito do poema e podemos inferir que fala também sobre o tempo na literatura:

(...) Esta possibilidade de encarnar-se entre os homens torna-o manancial, fonte: o poema dá de beber a água de um perpétuo presente que é também, o mais remoto passado e o futuro mais imediato. O segundo modo de ser histórico do poema é, portanto, polêmico e contraditório: aquilo que o torna único e o separa do resto das obras humanas é o seu transmutar o tempo sem abstraí-lo; e essa mesma operação leva-o para cumprir-se plenamente, a regressar ao tempo³⁸.

O homem das letras, o artista da palavra é impregnado de temporalidade, ele fala da condição humana escapando, atravessando o tempo, os tempos e os ritmos das épocas históricas porque no que diz respeito ao tecer da literatura “o escritor possui total liberdade para manipular o tempo, estrutural ou tematicamente³⁹”, mas este tempo é manipulado pelas mãos do autor e do leitor, em momentos diferentes, da criação ao ato da leitura. Mas ligados no tempo porque a obra literária é a ligação no tempo entre autor e leitor.

Nas palavras do crítico Antônio Candido (1918):

³⁷ Octavio Paz, *Signos em rotação*, p. 54.

³⁸ Idem, p. 54.

³⁹ Ana Maria Haddad Baptista, *Bifurcações do tempo-memória na literatura*, p. 82.

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo⁴⁰.

De acordo com Candido, a obra literária é também influenciada pelo seu tempo e a recepção dela também muda com o momento histórico em que está inserida. Assim, a recepção de a *Odisséia* de Homero na atualidade é diferente de como foi na Idade Média porque os conhecimentos coletivos são outros. A humanidade já acumulou arte, ciência e tecnologia suficientes para compreender que não existem os monstros marinhos descritos na obra e que os deuses gregos estão ligados a concepções de mundo.

A literatura trabalha com vários tempos, desde o cronológico, situando a obra literária em determinada época, como o psicológico, interno dos personagens. Em *Ulisses* de James Joyce (1882-1941), um dos romances que marcaram o século XX, o tempo é inteiro na mente dos personagens. Retomando a *Odisséia* de Homero, *Ulisses* fala de uma viagem interna do homem para dentro de si próprio rompendo com o tempo cronológico do romance com começo, meio e fim.

De acordo com Antônio Houaiss⁴¹ (1915-1999), *Ulisses* relata um dia na vida da humanidade e com este romance Joyce conseguiu capturar o infinito e laçar o tempo.

⁴⁰ Antonio Candido, *Literatura e sociedade*, p.68.

⁴¹ Intelectual brasileiro fez entre outros trabalhos o conhecido dicionário Houaiss e a tradução da obra *Ulisses* de James Joyce.

Joyce, desconhecendo Freud, devastou os subterrâneos do inconsciente; antes mesmo que o cinema, criou novas técnicas revolucionárias para a narrativa; e, sem ser um filósofo, abriu perspectivas para a compreensão da História como um círculo sem começo nem fim⁴².

Jorge Luis Borges (1899-1986) é outro escritor que tinha como preocupação a passagem do tempo e o trata de forma circular. Para Borges, o mundo é uma grande biblioteca, ou seja, um lugar para buscar o conhecimento e apreendê-lo através da racionalidade. Nessa biblioteca não há início ou fim, porque tudo está interligado e atado pelas pontas do conhecimento. Isso aparece no conto *A biblioteca de Babel*⁴³.

O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente.

De acordo com Borges, essa biblioteca existe *ab aeterno* e o homem é o imperfeito bibliotecário, obra do acaso ou de demiurgos malévolos. Já o universo (a Biblioteca) só pode ser obra de um deus, devido à sua perfeição. Notamos que o conhecimento é, para Borges, uma busca que resolveria o problema da passagem do tempo. Como Nietzsche, Borges concebe um eterno retorno em que não existe começo, meio nem fim, com as pontas do tempo atadas pela história e pela memória, encontrando lugar privilegiado na Literatura.

Italo Calvino (1923-1985) esclarece isso:

⁴² Antônio Houaiss, *Ulisses* de James Joyce, em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT920951-1655,00.html> – acessado em 01/03/09.

⁴³ Jorge Luís Borges, *Narraciones*, p.105-114, texto original em espanhol, tradução nossa.

As hipóteses sobre o tempo que são formuladas no “Jardim de caminhos que se bifurcam”, cada uma contida (e quase oculta) em poucas linhas, são: Uma idéia de tempo pontual, como um tempo subjetivo absoluto (*‘Refleti que todas as coisas, a cada um, acontecem precisamente, precisamente agora. Séculos e séculos, e só no presente acontecem os fatos, inumeráveis homens no ar, na terra e no mar, e tudo isso que realmente acontece, acontece comigo...’*).(...)Uma tal concepção do tempo múltiplo é cara a Borges porque é aquela que reina na literatura, ou melhor, é a condição que torna a literatura possível⁴⁴”.

É a literatura o espaço no qual o conhecimento pode se encontrar e buscar respostas para os problemas essenciais da humanidade, conforme nos mostra Borges.

⁴⁴ Italo Calvino, *Por que ler os clássicos*, p.256-257.

3. Tempo-memória

Olhar o rio que é de tempo e água
E recordar que o tempo é outro rio,
Saber que nos perdemos como o rio
E que os rostos passam como a água.

Jorge Luís Borges

O tempo parece apagar a memória. Sentimos isso porque, com o passar do tempo, alguns acontecimentos que pareciam tão próximos, de repente parecem dissolver-se da memória ou então parecem ter acontecido com outra pessoa. Isso ocorre porque a memória seleciona o que é mais importante, ou seja, o que é mais precioso para se guardar. Se tivéssemos a capacidade de armazenar tudo o que vivemos, a mente não suportaria.

Mais uma vez recorreremos à Filosofia para falar de memória porque foram os filósofos que primeiro sistematizaram conceitos a respeito da questão. De acordo com Abbagnano⁴⁵, a memória é a possibilidade de dispor dos conhecimentos passados. Porém, esses conhecimentos não são apenas relacionados ao passado, mas acumulados e transmitidos de forma sempre nova. De acordo com ele há duas concepções básicas de memória:

1ª Conservação ou persistência de conhecimentos passados que, por serem passados, não estão mais à vista, essa é a memória retentiva.

2ª Possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente, é a recordação ou lembrança.

⁴⁵ Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, p. 657-661.

Platão, conforme é sabido, chamou a memória de reminiscências e conservação das sensações.

Podemos fazer um questionamento: pode-se confiar na memória? É a psicologia que, talvez, responda a essa questão, mostrando que as pessoas selecionam o que lembrar e organizam suas memórias de acordo com suas leituras de mundo. A memória que importa é a da recordação e não a retentiva.

Marilena Chauí nos diz que:

A memória é a evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo e uma das obras mais significativas da literatura contemporânea é dedicada a ela: *Em busca do tempo perdido*, do escritor francês Marcel Proust⁴⁶.

A memória é a garantia de nossa identidade, o espaço de encontro com nosso próprio eu. Se a função da memória é preservar a identidade, é um fator crucial para a sobrevivência da sanidade mental.

Ecléa Bosi mostra como selecionamos no tempo os acontecimentos que mais importam para nós:

O primeiro dia de aula, a perda da pessoa amada, a formatura, o começo da vida profissional, o casamento dividem a nossa história em períodos. Nem sempre conseguimos fixar tais divisões nas datas de um tempo exterior. Quando as marés da nossa memória já roeram as vigas, o fato deriva ao sabor das correntezas. No entanto, sofremos no dia-a-dia a inexorável divisão que nos constrange a deixar a casa pelo trabalho, a juventude pela maturidade e nos rouba o convívio mais caro. É a força do tempo social marcado por pontos de orientação que transcendem a nossa vontade e nos fazem ceder à convenção⁴⁷.

⁴⁶ Marilena Chauí, *Convite à Filosofia*, p. 125.

⁴⁷ Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, p. 417.

A nossa história não é linear, mas, para entendê-la, costumamos separá-la por períodos, como uma longa linha do tempo em que há momentos de estabilidade e de ruptura. Dessa forma, lemos a nossa vida à luz da memória.

Ana Maria Haddad⁴⁸ nos explica que na Grécia Antiga a memória é um fator de vida para os gregos: “Na Grécia Arcaica o esquecimento é uma água da morte, enquanto Memória é fonte da imortalidade”. Por isso, geralmente os poemas e mitos gregos começam por louvar a deusa Mnemosyne, ligada à memória e mãe das musas que inspiram os poetas.

Porém, Mnemosyne é a deusa que tanto faz recordar como também esquecer, já que seria impossível manter na memória tudo o que vivemos. Por isso a memória é seletiva. Borges mostra isso no conto *Funes, o memorioso*⁴⁹. Nesse conto Ireneo Funes tem um problema: ele se lembra de tudo o que viveu e vive triste por não conseguir esquecer:

De fato, Funes não apenas recordava cada folha de cada árvore de cada monte, mas também cada uma das vezes que a havia percebido ou imaginado. Resolveu reduzir cada uma de suas jornadas pretéritas a umas setenta mil lembranças, que definiria logo por cifras. Dissuadiram-no duas considerações: a consciência de que a tarefa era interminável, a consciência de que era inútil. Pensou que na hora da morte não havia acabado ainda de classificar todas as lembranças da infância.

No entanto o fato de se lembrar de tudo não fez de Funes mais inteligente, ao contrário, segundo nos informa o narrador:

⁴⁸ Ana Maria Haddad Baptista, *Tempo-memória*, p. 21.

⁴⁹ Jorge Luis Borges, *Narraciones*, p. 115-124.

(...) Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos.

Conforme mostra Borges nesse conto, pensar não é apenas lembrar, é também esquecer, selecionar, abstrair, fazer conexões entre as coisas. Funes não conseguia isso e morreu aos vinte e um anos, infeliz e com a mente abarrotada.

Memorizar, portanto, significa selecionar os acontecimentos e ordená-los de forma consciente. É aí que entra o papel da escrita, já que escrevemos para esquecer, ou seja, para não ter que guardar na mente tudo o que queremos lembrar. E na escrita entra a função social da literatura e da autobiografia. Quando contamos nossa história, selecionamos o que nos parece mais importante, cortamos aquilo que não nos interessa. Buscamos também, de acordo com nossos propósitos, tornar mais interessante a biografia. E isso é a forma da arte da palavra: tem que ter função estética.

Ecléa Bosi explica essa visão:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista⁵⁰.

⁵⁰ Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, p. 55.

Como vemos, lembrar não apenas recuperar o tempo passado, mas é selecionar na linha do tempo um acontecimento que ajudou a nos constituir como ser humano. Dessa forma, não é tudo que lembramos apenas aquilo que faz parte de nossa memória de sujeito.

Continua Ecléa Bosi:

O ciclo dia e noite é vivido por todos os grupos humanos mas tem, para cada um, sentido diferente. A noite pode ser um florescimento do social, uma manifestação do amor e da amizade que se expandem e brilham sem as peias da rotina diária. A noite pode ser um lapso de abandono e de medo para a criança, para o solitário que vê as ruas se esvaziarem, para o doente ou para o asilado. A noite tem durações diferentes para o trabalhador braçal, para a dona e casa e para o escolar⁵¹.

Porém, a memória não é apenas individual, ela também é coletiva, conforme mostra Ecléa Bosi:

(...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado⁵².

Assim, quando selecionamos fatos de nossa memória, recorremos também a fatos sociais e históricos que ocorriam naquele momento determinado. A memória não é apenas individual, mas existem espaços de preservação de culturas que são registros da memória coletiva. Essas

⁵¹ Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, p. 417.

⁵² Idem, p.413.

memórias estão guardadas nos ‘palácios’ da humanidade: museus, galerias de arte, ou na grande biblioteca que é o Universo, como queria Borges.

Há momentos em que a memória fica prejudicada. Marilena Chauí explica isso:

Seja por lesão física, seja por sofrimento psíquico, seja por uma perturbação momentânea e passageira, o esquecimento é a perda de nossa relação com o passado e, portanto, com uma dimensão do tempo e com uma dimensão de nossa vida. Na amnésia, perdemos relação com o todo de nossa existência. Na afasia perdemos a relação com os outros através da linguagem ou da comunicação. Na apraxia, perdemos a relação com o nosso corpo e com o mundo das coisas. Esquecer é ficar privado de memória e perder alguma coisa. Algumas vezes, porém, essa perda é um bem: esquecer alguma coisa terrível é ultrapassá-la para poder viver bem novamente⁵³.

Essa perda da memória parece tão terrível que é sempre recorrente a ficção sobre ela. O cinema tem trazido constantemente em sua temática o problema da perda da memória. O filme *Amnésia*⁵⁴ relata a história de um homem que, após ver o estupro e assassinato da esposa, perde a memória recente e, para lembrar dos fatos do dia anterior, começa a tatuar números e palavras em seu próprio corpo. Fazia isso para lembrar das sequências dos fatos do dia anterior e também das investigações acerca do caso do assassinato da esposa. O interessante nesse filme é que podemos vê-lo de duas perspectivas: tanto no sentido que propõe o diretor, como de trás para frente. E é dessa perspectiva que a história fica mais densa, mostrando que o

⁵³ Marilena Chauí, p. 130.

⁵⁴ *Amnésia*, título original, *Memento*. Direção e roteiro, Christopher Nolan, EUA 2001, distribuidora Paris Filmes.

protagonista, sem memória, está preso aos acontecimentos atuais, sem conseguir mobilidade no tempo.

Outro filme que trata do mesmo tema de forma leve e bem-humorada é *Como se fosse a primeira vez*⁵⁵. A protagonista Lucy sofre um acidente que a faz perder a memória de curta duração e todo dia ela volta a reviver o dia do acidente. Seu pai e irmão fazem tudo para que permaneça protegida, revivendo eternamente o momento do acidente. Quando Henry entra na história, ele quer conquistar Lucy e percebe a dificuldade de fazê-lo, pois a conquista deve ser diária. Mas Henry rompe a camada de proteção que o pai e o irmão haviam criado para Lucy, fazendo com que ela enfrente o seu problema. Para resolvê-lo, recorrem à tecnologia: usam filmagens do dia-a-dia e Lucy começa a anotar tudo em um diário. Assim, ela busca-se a si mesmo diariamente porque ninguém consegue viver sem sua história, construída diariamente.

Fechando incursão pelos caminhos da memória, Chauí discorre:

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)⁵⁶.

De acordo com a autora, a nossa memória confere sentido ao passado, o já construído, mas também constrói o futuro porque somos seres em constante transformação. Essa transformação é parte constituinte de nossa

⁵⁵ Título Original: *50 First Dates*, 2004, direção: Peter Segal.
<http://www.sonypictures.com/movies/50firstdates/index.html>

⁵⁶ Marilena Chauí, *Convite à Filosofia*, p. 130.

identidade e nos afirma como pessoas, sujeitos num mundo em que deixamos
nossas marcas.

CAPÍTULO II: PEDRO NAVA, VIDA E TEMPO-MEMÓRIA

O homem velho
Caetano Veloso

O homem velho deixa a vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais

A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas mãos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n'roll
As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fulgaz
Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal⁵⁷

⁵⁷ Eucanaã Ferraz, *Caetano Veloso letra só*, p, 247.

1. O Múltiplo Pedro Nava

Eu Sou Trezentos...

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

Abraço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.

Mário de Andrade

Pedro Nava (1903-1984) nasceu em Juiz de Fora-MG, como já dissemos, era médico, tendo sido um dos pioneiros da Reumatologia no Brasil, ilustrador – fez ilustrações para a obra *Macunaíma* de Mário de Andrade – poeta e pintor, e em entrevista ao Jornal do Brasil em 18/06/1967, disse: “Confesso que sou poeta e pintor bissexto⁵⁸”.

Nava participou do grupo que nos anos vinte lançou *A Revista*, órgão mineiro de divulgação do Modernismo, do qual fazia parte Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Martins de Almeida e Gregoriano Canedo, entre outros.

⁵⁸ Jornal do Brasil 18/05/67.

Monique Le Moing⁵⁹, biógrafa do autor, diz que Nava, em 1924, colabora com *A Revista*. Nesta publicação, que foi o órgão divulgador do Modernismo em Minas Gerais, encontramos alguns poemas assinados por ele. A autora, sobre esta época da vida de Nava e seus poemas, afirma e indaga: “Em 1929, nasce o que virá a ser o seu mais importante poema, ‘O defunto’... espécie de memórias antecipadas, purificadoras, que carrega em si toda a obra futura de Pedro Nava... Premonitório?”⁶⁰.

Além do poema *O defunto*, segundo Eneida Maria de Souza⁶¹, o autor anos mais tarde, precisamente em 1952, apresenta-nos uma de suas primeiras manifestações, em prosa, frente ao futuro memorialista que seria, com a publicação da crônica “Evocação da rua da Bahia”, no *Correio da Manhã*⁶², em 1953, e reproduzida como anexo em *Chão de Ferro*. Esta crônica fez parte das homenagens dedicadas a Carlos Drummond de Andrade no seu cinquentenário. A partir dela, amigos como Fernando Sabino e Otto Lara

⁵⁹ Monique Le Moing, professora de literatura francesa e doutora em literatura brasileira, na Sorbonne, em Paris, biógrafa de Nava, que publicou em 1996 – *A Solidão Povoada*, Uma biografia de Pedro Nava. Esta obra, em ocasião da publicação, foi considerada por Paulo Penido (sobrinho e herdeiro dos direitos autorais de Nava) como sensacionalista por colocar em foco uma possível homossexualidade de Nava e deixar de lado a depressão severa que ele sofria desde 1975 com sua saída da Policlínica Geral.

⁶⁰ Monique Le Moing, *A solidão povoada*, 24.

⁶¹ Eneida Maria de Souza, *Pedro Nava por Eneida Maria de Souza*, p. 17.

⁶² O *Correio da Manhã* foi um periódico brasileiro, publicado no Rio de Janeiro, de 1901 a 1974. Caracterizou-se por fazer oposição a quase todos os presidentes brasileiros no período, razão pela qual foi perseguido e fechado em diversas ocasiões, e os seus proprietários e dirigentes, presos. Foi em sua redação que o escritor carioca Lima Barreto se inspirou para compôr as peripécias jornalísticas do personagem Isaías Caminha na obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o que tornou o autor persona non grata ao periódico e seus redatores. Ali também trabalharam Otto Maria Carpeaux, Ledo Ivo, Renard Perez, Antônio Callado, Carlos Drummond de Andrade, Márcio Moreira Alves, Holoassy Lins de Albuquerque e o influente crítico Antônio Moniz Vianna, entre outros.

Resende passam a incentivar e persuadir o escritor a registrar suas *Memórias*. Mas o autor só cederia aos apelos 16 anos depois.

Pedro Nava não construiu uma carreira literária concomitantemente com a medicina como aconteceu com diversos autores clássicos da literatura brasileira ou universal, que se dedicaram à literatura paralelamente a uma outra atividade profissional tal qual Dyonélio Machado, Guimarães Rosa ou Anton Tchekov. A dedicação à literatura, propriamente dita, começou no final de sua carreira médica, quando pôde se debruçar integralmente a escritura de suas memórias.

A literatura aparece, em pinceladas, em sua juventude com os primeiros poemas quando ele se junta aos modernistas mineiros, mas a dedicação literária⁶³, por assim dizer, ocorre somente depois de praticamente 40 anos dedicados à medicina, (formara-se em 17 de dezembro de 1927) como médico, professor e autor de artigos científicos e livros ligados à medicina. Segundo Davi Arrigucci Jr., “A medicina⁶⁴ foi certamente útil à atividade literária de Nava”⁶⁵.

⁶³ Importante relatarmos sobre a literatura na vida do autor, segundo conta Paulo Penido, sobrinho e um de seus herdeiros, “Dei-me conta de que Pedro Nava viera ao longo da vida registrando, em forma de diário, com certa regularidade e meticulosidade, suas viagens e apontamentos lhe pareciam de interesse;” e o Dr. Penido continua: “Pedro numerou alguns, estando comigo os de números 2 a 5 e mais seis não numerados, com o deixado na Casa de Ruy somam onze. Os cinco numerados obedecem uma seqüência cronológica e certa organicidade; os demais misturam anotações de diferentes épocas e naturezas”. In. Pedro Nava, *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*, p. 9. Por mais que a dedicação exclusiva de nosso autor a literatura tenha se dado depois de quarenta anos de medicina, com este relato da existência de diários e cadernos de anotações de suas viagens podemos concluir que a literatura, de alguma forma, sempre esteve com Pedro Nava.

⁶⁴ Cabe ressaltar que segundo Davi Arrigucci Jr., crítico literário, a prática da medicina foi importante para a atividade literária de Nava “por ter-lhe propiciado mobilidade, multiplicidade de contatos e proximidade com as formas da narrativa oral, tudo contribuindo para o maior acúmulo de experiência do mundo e dos homens, sem falar no exercício prático e direto da arte da conversa e da narração, que enformam de algum modo a prosa do memorialista. Davi Arrigucci Jr., *Enigma e Comentário*, p. 88-89.

⁶⁵ Idem, p. 88.

Pedro Nava foi um médico muito respeitado tanto no Brasil quanto fora, portanto, vejamos o que Geraldo Guimarães da Gama⁶⁶ diz a respeito do médico/escritor, escritor/médico:

Primeiro conheci Pedro Nava como professor de Reumatologia, palestras proferidas na Cadeira de Terapêutica Clínica do Prof. J. Romeu Cançado, nas quais das exposições e o domínio dos temas era paralelo à elegância da linguagem.

Nava estava ainda empolgado com a abertura de cursos de Reumatologia inaugurados na Faculdade de Medicina de Paris, logo depois secundados pelo da Faculdade de Medicina de Manchester⁶⁷.

Geraldo Guimarães Gama diz, ainda, que depois desse primeiro contato, frequentou o serviço instalado na Policlínica do Rio de Janeiro por Nava, resolveu procurar cursos europeus e durante um ano de freqüência nos serviços de Paris, Manchester e Londres, pôde partilhar com Nava quando este esteve em Paris pela segunda vez. Ainda sobre Pedro, ele diz: “E ao mesmo tempo iniciar o convívio com a impressionante pessoa humana deste médico de erudição enciclopédica [...] ⁶⁸”.

Sobre o médico e professor Pedro Nava, Geraldo Guimarães Gama nos diz que ele foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR), que promoveu cursos nas faculdades de Medicina de Minas Gerais, Ceará e Paraíba. Participou de todos os Congressos da SBR e de vários da Liga Panamericana, tendo sido seu Presidente. Além de ter sido sócio honorário de inúmeras Sociedades de Reumatologia, inclusive da França, Estados Unidos Portugal, Chile e Argentina⁶⁹.

⁶⁶ Membro Emérito das Academias de Medicina de Minas Gerais e Brasileira de Reumatologia.

⁶⁷ Pedro Nava, *Território do Epidauro – Crônicas e Histórias da História da Medicina*, pp. 17-18.

⁶⁸ Idem, p. 18.

⁶⁹ Ibidem, pp. 30-31

Sobre a opção primeira pela medicina em detrimento da literatura e das artes plásticas e os preconceitos que Nava sofreu, Gama comenta:

Para mim é admirável a opção definitiva que Nava fez pela Medicina quando a literatura e as artes plásticas não lhe custariam o sacrifício enorme para secundar o seu pai, que também era médico. Teve de passar por dois internatos, ajudado por um tio e ao entrar na Faculdade de Medicina teve de enfrentar preconceitos de professores que não aceitavam sua postura agnóstica; um deles chegou a reprová-lo porque não soube dizer o nome químico de urotropina; o inibiu tanto que, apesar de saber que era hexa-metileno-tetra-anima... não conseguiu falar: perdeu o ano. Além, disso teve de cavar um emprego público para poder pagar os estudos, já no primeiro ano. E teve de fazer prodígios para conciliar os horários das aulas com os da Secretaria de Higiene e Saúde Pública, onde também era malvisto por freqüentar a roda dos “nefelibatas”, poetas desocupados que ruavam pelas madrugadas e faziam do Bar Estrela e do Bar do Ponto os locais de críticas e zombarias dos belorizontinos provincianos⁷⁰.

O médico, professor e pesquisador de medicina Pedro Nava publica, em 1947, *Território do Epidauro*⁷¹ – Crônicas e Histórias da História da Medicina, na qual apesar de ser uma obra de teor científico podemos notar o memorialista, o médico/escritor, o literato por excelência. Na crônica *Entre Bruxos e Doutores* afirma:

Capítulo curioso da Medicina, ainda por escrever, é a história do que a arte oficial e a terapêutica clássica devem aos experimentadores anônimos e às pesquisas de toda a sorte de conhecedores de plantas, de curadores e de feiticeiros.

Assim como das tentativas da alquimia empírica foram saindo os fatos que permitiram a sistematização filosófica da química científica – na técnica de curar, um sem-números de drogas e venenos que passou a manipulação dos médicos depois de longamente manuseado pelos artesãos do malefício.

⁷⁰ Pedro Nava, *Território do Epidauro – Crônicas e Histórias da História da Medicina*, pp. 31-32.

⁷¹ É importante ressaltarmos que Epidauro é o nome de uma cidade da Grécia Antiga, célebre pelo santuário de Esculápio, deus da Medicina.

Durante mais de um milênio de estagnação da medicina, que podemos localizar, cronologicamente, entre a morte de Galeno e a Renascença – o útil, o grande médico do povo foi, sem dúvida, o feiticeiro⁷².

Ainda nesta crônica, o autor diz que os “feiticeiros se moviam na noite escura” e que “as plantas do bem-estar, as ‘ervas consoladoras’, que o povo ia buscar com os prepostos do Demônio – feiticeiros, ‘boas-damas’, ‘belas-damas’ (*bella-donna*)⁷³.

O memorialista exemplifica:

Bastam três exemplos: o *Hyosciamus Niger*, a *Datura Stramonium* e a *Atropa Belladonna*, para que se erga um monumento à Feitiçaria, que com elas deu à Medicina as possibilidades terapêuticas representadas pelo manejo das preparações que onde entram a hiociamina, hiacina e a atropina. Os princípios que ajudavam o meimendo a parar as danças de São Guido e a acalmar os possessos. O estramônio a ampliar o fôlego dos asmáticos. A beladona a estancar os suores dos tísicos e a desvanecer as cólicas de ventre⁷⁴.

Na obra citada, Nava revela-nos, ainda, documentos antigos do fim do século XVIII e princípios do século XIX, que avaliamos serem relevantes como parte da História da Medicina e da História da Ciência no Brasil. Ele o faz presenteando-nos com o gosto pela medicina e sabedoria popular, mostrando-nos que foram importantes para o desenvolvimento da medicina. Sobre essa questão o autor nos alerta:

Um dos maiores problemas da colonização da América foi a falta de médicos, que tantos prejuízos acarretou à vida dos primeiros povoadores. O fenômeno não era específico desta ou daquela colônia. Era um fato geral que atingia o México como

⁷² Pedro Nava, *Território do Epidauró – Crônicas e Histórias da História da Medicina*, p. 109.

⁷³ Idem p. 110.

⁷⁴ Ibidem, p. 215.

Buenos Aires; a América Portuguesa como Cuba e a Guatemala; Santiago do Chile como o Haiti⁷⁵.

Nava fez a transcrição de um manuscrito de medicina popular datado de 1809⁷⁶, sobre o qual ele afirma:

[...] corriam mão manuscritos veiculando receitas e ensinamentos, semelhantes ao que podemos agora divulgar e que nos foi comunicado por Afonso Arinos de Mello Franco. Trata-se de um caderno contendo 44 receitas, algumas notas pessoais e muitos versos que foram suprimidos dessa transcrição, tanto pela sua ofuscante obscenidade, como por não terem nenhum interesse do ponto de vista médico⁷⁷.

Sobre o autor do manuscrito Nava, o literato-médico, afirma-nos:

Esse caderno deve ter sido escrito por um português que se trai aqui e ali na grafia, quando escreve “juruveva” por jurubeba, “acavar” por acabar, “ferber” por ferver, e principalmente no gosto com que copiou os versos de que falamos, e onde, ao lado de uma saudade pegajosa da terra, predomina como motivo central das rimas uma série inesgotável de pilhérias dirigidas aos brasileiros, à sua mulatice, ao seu mandrionismo e ao seu gosto pela cachaça e à sua libertinagem.

São também esses versos que permitem dizer que o dono do caderno devia morar em Minas, porque ao transcrevê-los assinalou no alto da página que eles eram da autoria de “hum Estudante de Lisboa que veyo ahuãs Cobranças oubuscar huã Erança ás Minas Geraes desta América”⁷⁸.

⁷⁵ Pedro Nava, *Território do Epidauro – Crônicas e Histórias da História da Medicina*, p. 217.

⁷⁶ Apesar de aparecer na primeira página do manuscrito a data de 1809, o memorialista nos alerta, que deve ser cópia de experiência mais antiga, pois em uma das receitas aparece antecedida pela data de 8 de abril de 1803. Ainda sobre este aspecto, o próprio Nava afirma: “Na determinação da época em que foi sendo elaborado o manuscrito que nos ocupa, podemos nos fixar com certeza entre 1803 e 1809, de acordo com o consignado. Mas que ele tem origem mais remota, no século XVIII, verifica-se pelo espírito do seu conteúdo, onde ao lado de ensinamentos úteis e de receitas adequadas aparecem prescrições ditadas pela superstição e por uma concepção sobrenatural das moléstias que vinha também em certos livros de medicina portuguesa erudita dos mil e setecentos, como, por exemplo, a *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte*, de João Curvo Semmedo”. Pedro Nava, *Território do Epidauro – Crônicas e Histórias da História da Medicina*, pp. 218-219.

⁷⁷ Idem, p. 217.

⁷⁸ Ibidem, pp. 217-218.

O “gajo” português introduz seu caderno de prescrições médicas da medicina popular feitas com versos da seguinte maneira: “Este cadernozinho he para escrever nele algûas coriozidades para curar feridas e algunas molestias dos corpos umanos compouca Despeza e como favor de Deus”⁷⁹.

Vejamos duas⁸⁰ das 44 receitas do “cadernozinho”:

7ª Receita

“Remédio facele para colaquer dor em coalquer parte do corpo por cauza de alguã queda ou (R)endedura de cadeiras adequerida de alguã força que sefas coalgum pezo grande ehé na forma seguinte _____

Tomar humas casaquas de Aroeira e hum pedaço de fumo de Pitar desfeito da corda ecozer aquilo tudo bem cozido athe ficar em ponto de Melado bem groço evotalo emhuã pasta de Algodão de caroço evotalaemsima dador elgo sees prementa milhora e Logo Sara Segundo oq. Setem exprementado com ofavor de Deus.”⁸¹

14ª Receita (Oração)

“Oração para benzer as Mordeduras de Cobras coando mordem Coalquer Creatura ou a Nimal que seja

Jezus nome de Jezus Saõ Bento Grande he o Santissimo nome de Jezus Saõ Bento Jezus maria José Saõ Bento Meu deos e Senhor Premiti que esta Creatura mordida de Cobra Se destinga oveneno dela em vertude destes Santisemos nomes Jezus Maria José edo Sñr. Saõ Bento Eli elle Geova Lamina Sebatane, Comestas Palabras asima Se benzerâ amordadura e creatura mordida da Cobra tres vezes equem benzer rezará tres vezes 3 P.N. 3 Glorias patres em honra elouvor da Sagrada Morte e Paixão de Nosso Ssenhor Jezus Christo aplicados pelas Almas do Purgatorio.”⁸²

Com isso, percebemos a contribuição do médico/pesquisador Pedro Nava, nela está contida o literato, haja vista, o trabalho de pesquisador da vida brasileira relacionada à medicina, valorização que faz da arte médica popular e,

⁷⁹ Pedro Nava, *Território do Epidauro – Crônicas e Histórias da História da Medicina*, p. 223.

⁸⁰ Optamos por transcrever as receitas tal qual aparecem na obra citada, inclusive com as aspas.

⁸¹ Pedro Nava, *Território do Epidauro – Crônicas e Histórias da História da Medicina*, pp. 227-228.

⁸² Idem, p. 231.

ainda mais, por ter transcrito, manuscritos preciosos que misturam sabedoria popular e misticismo. Sobre este *Território* Carlos Drummond de Andrade comenta em carta com data de 06 de setembro de 1947 endereçada a Nava, quando da primeira publicação da obra:

Tive uma grande alegria com o seu *Território de Epidauro*. Nunca me conformei com o fato de você continuar sem o nome na capa de um livro. Uma geração é vaidosa de si mesmo, a sentir você tão bem dotado e ao mesmo tempo tão esquivo era o mesmo que sentir fraudado aquele nosso grupo da década 20. Você, muito manhosamente, se refugiava num bissexismo cômodo, mas essa solução não me satisfazia, nem de resto à comunidade de seus amigos. Por isso mesmo, este *Território*, tão inteligente, tão rico de perspectivas para o leigo, a quem você desvenda aspectos pitorescos, poéticos e humanos da medicina – é uma espécie de pagamento de dívida. O livro saiu digno de você, cheio de ilustração sem pedantismo, e vazado numa forma literária gostosíssima. Agora você fica intimado a nos dar outros⁸³.

À obra memorialística, propriamente dita, ele dá início em 1º de fevereiro de 1968⁸⁴. Além dos incentivos dos amigos e intelectuais, Nava, como já dissemos, recebeu inúmeras influências literárias, filosóficas, artísticas e científicas, que estão expressas e diluídas em todos os volumes de suas memórias. E isso ocorre pela extensa citação de obras e autores, e ainda, pela intertextualidade explícita e implícita constante de todos os volumes de sua obra memorialística que são os seguintes: *Baú de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar*, *Galo-das-Trevas*, *O Círio Perfeito* e *Cera das almas*⁸⁵. Essa última, inacabada com a morte do autor.

⁸³ Eliane de Vasconcelos, *Inventário do Arquivo Pedro Nava*, p. 20.

⁸⁴ Podemos observar que memorialista sempre marcou com as datas o início e o fim de cada um dos seus volumes de memória. Não acontecendo apenas com *Cera das Almas*.

⁸⁵ Pedro Nava escrevia *Cera das Almas* - sétimo volume de suas memórias, quando em 13/05/1984, recebeu um telefonema e, logo em seguida, saiu do apartamento em que morava e na Praça da Glória deu um tiro na cabeça. O suicídio de Nava foi muito comentado na época e, ainda, é fruto de inúmeras especulações e possibilidades de compreensão; por ser um ato

O crítico Davi Arrigucci Jr., a respeito das memórias do autor e da relação dele com o tempo e frente ao ato de escrever, afirma:

Certo dia pôs mãos à obra, entregando-se inteiramente à tarefa de recriar o passado, à atividade manual de escrever, que de imediato o arrebatou, com tudo o que comportava de prazer e dor: Nava, conforme esclareceu, ia se sentindo realizado com aquele ato prazeroso e libertador, mesmo sabendo o quanto doía ir largando pedaços seus pelo caminho. O escuro já vinha chegando quando ele se dispõe a falar da continuidade da vida pela mágica memória e deu à luz os guardados de seu baú, fazendo-se herdeiro e transmissor do legado de várias gerações⁸⁶.

Ainda segundo Davi Arrigucci Jr., em fevereiro de 1968, Pedro Nava estava com quase 65 anos, estando “à beira do esquecimento” põe-se a recordar/escrever, escrever/recordar como “que tivesse bebido nas águas de Mnemosina, fonte e deusa da memória, musa de todas as formas correntes de narrativa⁸⁷”. Para o crítico era como se Nava tivesse passado a vida toda afiando, amolando, preparando uma linguagem inventiva e potente de uma fartura artística para a memorialística brasileira⁸⁸.

O nosso médico/artista – artista/médico – foi um leitor voraz, um homem culto, erudito, que possuía interesse por uma multiplicidade de assuntos, culturais e científicos, que, por vezes, poderiam parecer divergentes. Porém, ao escrever uma homenagem à memória do médico Aloysio de Castro⁸⁹ parece-nos falar de si mesmo, além de teorizar com riqueza e profundidade sobre a

extremo, o suicídio, é muito estudado, em várias áreas do conhecimento, como é sabido por todos, mas não será o foco nesta dissertação. Porém, Zuenir Ventura se reporta a este fato e ocorrida repercussão que na época, em seu livro *Minhas histórias dos outros*.

⁸⁶ Davi Arrigucci Jr., *Enigma e Comentário*, p. 69.

⁸⁷ Idem, p. 69.

⁸⁸ Ibidem, p. 69.

⁸⁹ Aloysio de Castro, o Gentil-Homem da Medicina Brasileira, discurso pronunciado como orador oficial da Academia Nacional de Medicina, Sessão Extraordinária de 23 de novembro de 1959, realizada em homenagem à memória de Aloysio de Castro.

aliança entre a literatura e a ciência, Nava mostra qual deve ser a postura de um médico afirmando:

(...) como em todo médico artista, o sexto sentido da poesia só pode aguçar as possibilidades de adivinhação, de invenção, de conjectura e vislumbre indispensáveis a quem tem por objetivo observação integral deste espetáculo fabuloso que é o homem doente. Não está perdendo tempo o médico que lê outros livros além de seus tratados, porque aprende-se tanta psiquiatria nas páginas de Bleuler como nas de Shakespeare, a mesma psicologia profunda nos livros de um Freud como nos de Proust e, em todos os ficcionistas, a vasta experiência humana que arremata e completa o espírito⁹⁰.

Podemos observar, ainda, os interesses de Nava quando ele escreve a ata de um dos Sabadoyles – reuniões realizadas na casa do Plínio Doyle – das quais costumeiramente freqüentavam Alphonsus Guimarães Filho, Joaquim Inojosa, Carlos Drummond da Andrade, Afonso Arinos e outros. Na ata do Sabadoyle de 30/10/1982, dia antecedente ao octogésimo aniversário de Drummond, e por conta da ausência do poeta na reunião, Pedro Nava disserta sobre o tempo, a ciência e a poesia:

Ele é apenas um homem que sabe defender duas coisas que são só dele e de que ninguém pode participar e dividir com ele. O seu tempo. O seu direito à solidão. Estas duas coisas são funcionalmente inerentes à pessoa porque ela já de si – indivíduo – é biologicamente separada do meio ambiente por sua pele, suas mucosas e até protegida contra ele – externamente pelos seus pêlos e suas possibilidades de fuga; internamente, pela imunidade e todo o mecanismo de defesa exercido pelo nosso metabolismo, isto é, nosso meio interno e essência de seres vivos. Só um louco ou os mundanos têm seu tempo destituído de muros. Ou os que nada fazem. Já o tempo do homem de letras, do artista, do cientista é deles, e é durante seus minutos que lavram e plantam o que vão fazer brotar de fantasia, prosa, poesia, murais coloridos, quadros tetos sistinos, estátuas que captaram o melhor da geometria, as leis da ciência, da

⁹⁰ Pedro Nava, *A medicina de Os Lusíadas e outros textos*, p. 89.

experimentação e da observação que a Natureza esconde de quase todos e só entrega aos seus preferidos – os inventores pacientes⁹¹.

Nava chama atenção ao leitor desta crônica-ata para entender que o tempo disponível de Drummond àquela época, para qualquer um que fosse, o teria pelas suas colunas trissemanais e que o tempo do poeta é para “elaboração subconsciente, depois onírica e finalmente cristalizada na forma do verso – desta coisa em que ele é o melhor de nossa língua – a Poesia⁹²”.

E, mais adiante, o autor continua voltando-se para os estreitos laços que ligam tempo-memória, arte e ciência:

E chegamos aqui a essa preparação que vínhamos esboçando desde o princípio – a solidão. Se a proteção do homem é aquela sua limitação biológica de que já falamos – pele e mucosas que nos separam do ambiente dão-nos também uma forma e um limite. E é este último que nos torna imiscíveis, nos prende e encarcera naquela forma. Nossa forma é solidão. Pela lei da Natureza somos *seres*, e estes, desde os aparentemente simples como os constituídos de uma única célula até aos primatas que somos, nós os homens, nossos primos os macacos, nossos aparentados os morcegos feitos milhões de células – somos seres sós. A solidão é nossa essência, nosso caráter, nossa condenação, nosso destino, nossa grandeza⁹³.

Pedro Nava faz intensa reflexão sobre a solidão humana. Afirma: “Não há companhias. Há solidões que se acompanham, que se toleram, que se repelem⁹⁴”. Afirma, inclusive, que é só na solidão que se geraram as grandes obras que segundo ele importam para a humanidade como, por exemplo, *A Divina Comédia*, *Os Lusíadas*, *Guerra e Paz*, *as Quatro Operações*, *as Equações e os Teoremas da Geometria*, *a Teoria da Celular e a Teoria*

⁹¹ Monique Le Moing, *A solidão povoada*, p. 297.

⁹² Idem, pp. 297-298.

⁹³ Ibidem, p. 298.

⁹⁴ Ibid, p. 299.

Microbiana, a Lei da Gravidade e da Gravitação Universal, A Primavera e a Gioconda, os Quartetos de Mozart. Ao falar do tempo de Drummond, ou melhor, ao se referir a relação do poeta com o tempo, a solidão e a criação, de alguma forma o memorialista fala de si mesmo, de sua atitude em relação ao tempo e à memória da ciência e cultura da humanidade.

Como já dissemos, diversos autores e obras despertaram o interesse do memorialista para leitura, mas cremos que nenhum outro autor o fez, com tanta veemência, quanto o francês Marcel Proust.

Em *Chão de Ferro*, o autor diz sobre a influência da “França” em sua formação, da língua e literatura francesa em seu repertório cultural:

Essa declaração de amor à França pode ser subscrita por toda minha geração, salvo, está claro, poucas e aberrantes exceções. Em mim, esse estado de espírito, melhor, esse modo de ser derivam de Antônio Sales, de Floriano de Brito. Mais tarde seria completado pelas companhias e pela influência literária de Aníbal machado, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade⁹⁵.

Joaquim Alves de Aguiar afirma que:

Com Aníbal Machado, por exemplo, talvez o mais afrancesado dos modernistas mineiros, Nava ampliou consideravelmente seu repertório cultural francês. Foi através que pôde mergulhar em autores como Alphonse Daudet, Maupassant, Mirbeau, Benjamin Constant, Flaubert e outro; e nos mestres impressionistas Renoir, Manet, Monet, Cézanne, Degas, etc. Mais ainda: foi com Aníbal Machado que Nava tomou conhecimento da existência de Proust, escritor que lia a vida inteira⁹⁶.

⁹⁵ Pedro Nava, *Chão de Ferro*, p. 27.

⁹⁶ Joaquim Alves Aguiar, *Espaços da memória – Um estudo sobre Pedro Nava*, p. 103.

Nava, certa vez, referiu-se à influência do autor francês em sua obra: “Proust é uma influência que eu não nego, antes, confesso e proclamo⁹⁷”. Ainda sobre Marcel, Nava afirma: “Marcel Proust é o escritor que eu vi ir mais adentro da alma humana. E um grande psicólogo. A pessoa passa a *sentir* a fenda de Proust. É feito uma agulha de pulsão, tremenda⁹⁸”.

Em entrevista o memorialista disse: “Comecei a ler Proust aos 25 anos. Antes já havia lido, mas fora uma leitura por cima. Ler e reler comecei aos 25 anos, e até hoje o releio. De modo que não posso negar a influência que essas leituras sucessivas têm em mim⁹⁹”.

Nava tinha consciência que suas influências culturais enriqueciam a si e a sua obra. De acordo com Harold Bloom¹⁰⁰ essa ‘influência’ não seria uma mera imitação de outro autor, mas a apropriação realizada pelo escritor.

Segundo Monique Le Moing¹⁰¹, sobre esse aspecto da obra de Pedro Nava, é impossível deixar de evocar Marcel Proust em estudo relativo à ligação tempo-memória na obra de Pedro Nava. E que o célebre escritor francês em sua literatura envolve ricos e intelectuais que critica do fundo de sua cama, um mundo só animado por sua infinita capacidade de germinação íntima. No entanto, Nava, aparece como um espectador ativo de seu tempo.

Ratificando a importância da literatura do autor francês na obra do memorialista, Joaquim Alves de Aguiar nos revela que:

Sem as combinações de memória voluntária e involuntária, tais como foram celebrizadas por Proust, as *Memórias* não seriam o que são. É graças aos clarões da

⁹⁷ Monique Le Moing, *A solidão povoada*, p. 84.

⁹⁸ Pirata, Ano 1, nº 1, 1984, p.13.

⁹⁹ Entrevista de Nava a Dirceu Accioly Lindoso, Hoje, Revista da Livraria Francisco Alves, n. 13 nov-dez. 1978.

¹⁰⁰ Harold Bloom, *A angústia da influência – uma teoria da poesia*, pp. 23-24.

¹⁰¹ Monique Le Moing, *A solidão povoada*, p. 84.

memória, que se interpõem aos fatos propositalmente lembrados, que o narrador reconstrói seu “tempo perdido”. Essa mistura contribui para a liberdade de invenção do memorialista porque lhe permite ampliar o espaço para tratar das impressões causadas pelo acontecimento que, revivido pela memória, se faz de novo presente¹⁰².

Faz-se necessário dizermos, que para além da influência de Marcel Proust, nas memórias de Nava, o autor francês é uma importante referência num estudo literário que tenha como foco a questão do tempo-memória, pois o mesmo marcou uma época de profundas mudanças literárias na virada do século XIX para o século XX.

Proust, da mesma maneira que seus contemporâneos, mesclou a prosa e a poesia e não obedeceu a uma ordem cronológica, nem linear em sua obra, transformando assim o “romance”, ou melhor, oferecendo-nos sua concepção de romance que se relaciona ao tempo-memória no romance. Atentemos para suas palavras quando da publicação de *No caminho de Swann*:

O que publico é apenas um volume, *No caminho de Swann*, de um romance que terá como título geral *Em busca do tempo perdido*. Gostaria de publicar tudo junto; mas não se editam mais obras em vários volumes. Sou como alguém que tem uma tapeçaria grande demais para os apartamentos atuais e que por isso foi obrigado a cortá-la¹⁰³.

E Proust prossegue afirmando:

Alguns jovens escritores, com os quais me simpatizo em outros pontos, preconizam, ao contrário, uma ação breve com poucos personagens. Não é minha concepção do romance. Como lhes dizer isso? Sabem que existe uma geometria plana e uma geometria espacial. Pois bem, para mim, o momento não é somente da psicologia plana, mas da psicologia no tempo. Essa substância invisível do tempo, eu procurei

¹⁰² Joaquim Alves Aguiar, *Espaços da memória – um estudo sobre Pedro Nava*, pp. 104-105.

¹⁰³ Marcel Proust, *No caminho de Swann*, p. 510.

isolá-la, mas para isto havia uma necessidade que a experiência pudesse durar. Espero que no final de meu livro, tal fato social pequeno e sem importância, tal casamento entre duas pessoas que no primeiro volume pertencem a mundos bastante diferentes, indicará que o tempo passou e assumirá a beleza de alguns dos chumbos patinados de Versailles, que o tempo envolveu de um revestimento de esmeralda¹⁰⁴.

Em *Proust e os signos*, Gilles Deleuze coloca-se quanto ao que diz o romancista francês:

O essencial é que as partes da *Recherche* permanecem divididas, fragmentadas, *sem que nada lhes falte*: partes eternamente parciais levadas pelo tempo, caixas entreabertas e vasos fechados, sem formar nem supor um todo, sem nada faltar nessa divisão, e denunciando de antemão toda unidade orgânica que se queira introduzir. Quando Proust compara sua obra a uma catedral ou a um vestido não é para defender um *logos* com bela totalidade, mas, ao contrário, para defender o direito ao inacabado, às costuras e aos remendos. O tempo não é um todo, pela simples razão de ser a instância que o impede o todo. O mundo não tem conteúdos significantes pelos quais se poderia ordená-lo, hierarquizá-lo. Tampouco o sujeito possui uma cadeia associativa que possa contornar o mundo ou conferir-lhe unidade¹⁰⁵.

Deleuze, ao falar da obra de Proust, atenta-nos para o fato de que o próprio romancista preocupou-se com a questão da unidade da obra. E o filósofo francês nos diz que desistiu da procura de uma unidade para a *Recherche*, “de um todo que totalizasse os fragmentos, porque é da própria natureza das partes e dos fragmentos”, há assim um caráter de multiplicidade na obra¹⁰⁶, que é conferido a obra de Proust.

A obra Nava, também apresenta o mesmo ‘regaste’ do tempo e isso acontece via memória. Não por meio da “memória voluntária”, que “não se apodera diretamente do passado: ela o apenas recompõe com os

¹⁰⁴ Marcel Proust, *No caminho de Swann*, p. 510.

¹⁰⁵ Gilles Deleuze, *Proust e os Signos*, p. 153.

¹⁰⁶ Idem, p. 155.

presentes¹⁰⁷”, mas ambos buscam o tempo perdido através da memória involuntária, que segundo Deleuze:

A memória involuntária tem, porém, uma característica específica: ela interioriza o contexto, torna o antigo contexto inseparável da sensação presente. Ao mesmo tempo que a semelhança entre os dois momentos ultrapassa em direção a uma identidade mais profunda, a contigüidade que pertencia ao momento passado se ultrapassa em direção a uma diferença mais profunda. Ao mesmo tempo que Combray ressurgue na sensação atual, sua diferença com relação à antiga sensação se interioriza na sensação presente. A sensação presente não é, pois, mais separável dessa relação com o objeto diferente. O essencial na memória involuntária não é a semelhança, nem mesmo identidade, que são apenas condições; *o essencial é a diferença interiorizada, tornada imanente*¹⁰⁸.

Nava, como já foi dito, era autor extremamente erudito e gozava de muita consciência de linguagem artística e filosófica, sendo assim, ele mesmo ao escrever suas memórias comenta o processo da memória diante a dar uma impressão cronológica aos fatos vividos, e, em muitas passagens a respeito da memória involuntária como por exemplo nos trechos:

É impossível dar uma impressão cronológica dessa fase de minha infância. Só de uma outra coisa ocorrida com gente grande e de que ficou memória em velhos documentos, em cartas onde se a tinta se apaga. Do que eu vi, nada posso encadear pois quantas e quantas vezes eu dormia na casa de minha avó e tinha a impressão de acordar em Santa Clara, na fazenda do seu Carneiro. [...] É impossível colocar em série exata os fatos da infância porque há aqueles que já acontecem permanentes, que vêm para ficar e doer, que nunca mais são esquecidos, que são sempre trazidos tempo afora, como se fossem dagora. É carga. Há outro, miúdos fatos, incolores e quase sem som – que mal se deram, a memória os atira nos abismos do esquecimento. Mesmo próximos eles viram logo passado remoto. Surgem às vezes, na lembrança, como se fossem uma incongruência. Só aparentemente sem razão porque não há associação de idéias que seja ilógica. O que assim parece, em verdade, liga-se e harmoniza-se no

¹⁰⁷ Gilles Deleuze, *Proust e os Signos*, p.54.

¹⁰⁸ Idem, p. 56-57.

subconsciente pelas raízes subterrâneas – raízes lógicas! – de que emergem os pequenos caules isolados – aparentemente ilógicos! Só aparentemente! – às vezes chegados à memória, vindos do esquecimento que é outra função ativa dessa mesma memória. [...] Assim a anarquia infantil do Tempo e do Espaço me impedem de contar Juiz de fora em ordem certa, capítulo um, capítulo dois, capítulo três. São mil capítulos e inumeráveis – entretanto capítulo único¹⁰⁹.

E o autor ainda nos diz:

[...] Manuel Bandeira, que era amigo do rei, ia-se embora pra Pasárgada. Ai! de mim, sem rei amigo nem amigo rei, que quando caio no fundo da fossa, quando entro no deserto e sou despedaçado pelas bestas da desolação, quando fico triste, triste (“... Mas triste de não ter jeito...”), só quero reencontrar o menino que já fui. Assim quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na de meu sobrado... Custei a recuperá-lo. Aviltado pelos anos e reformas sucessivas, recoberto de uma chamada de cimento fosforescente e pó de mica que tinha substituído o velho investimento e o ultramar da pintura da fachada – não havia meios da recordação provocada entregar-me a velha imagem. Foi um milagre da memória involuntária. Eu tinha ido me refugiar na rua maternal, tinha parado no lado ímpar¹¹⁰.

Nava faz aqui uma busca interior no tempo e no espaço, viaja tentando resgatar a sua infância, o menino que foi um dia. O modo de encontrar-se menino é resgatado pela memória que está recoberta de “cimento fosforescente e pó de mica”, ou seja, produtos que recobrem, que envolvem a ponto de se ver mais a aquilo que cobriram, como a uma parede que teria que ser muito raspada para ver o que há por baixo. Nota-se que ele se encontra ao lado da mãe (rua maternal), no mundo da infância refugiado na memória.

¹⁰⁹ Pedro Nava, *Baú de Ossos*, p. 222-223.

¹¹⁰ *Idem*, p. 289.

2. A tessitura Naveana

Para quem escreve memórias, onde acaba a lembrança, onde começa a ficção? Talvez sejam inseparáveis. Os fatos da realidade são como pedra, tijolo – argamassados, virados parede, casa, pelo saibro, pela cal, pelo reboco da verossimilhança – manipulados pela imaginação criadora. [...] Só há dignidade na recriação o resto é relatório.

Pedro Nava

Como já dissemos, Nava foi estimulado a escrever suas memórias por seus amigos literatos e sobre a decisão de contar suas memórias o próprio explicita como:

Tudo começou quando Drummond fez cinqüenta anos, e me pediram para escrever alguma coisa. E eu escrevi uma coisa chamada “Evocação da Rua Bahia”. E essa Evocação foi sendo transcrita em vários jornais, e caiu mais ou menos no conhecimento de todo mundo. Fernando Sabino e Oto Lara Resende, que gostaram muito viviam me repetindo: “Você tem que escrever suas memórias, tem que contar aquelas histórias de Belo Horizonte...” E eu fiquei tentado em contar nossa vida estudantil de Belo Horizonte. Mas achei um contra-senso só contar isso. Então resolvi começar do princípio.

Quando me julguei mais ou menos livre para dizer certas coisas, com a morte de diversos parentes, fiquei liberado de uma série de considerações, então, comecei a contar muita coisa que ouvi¹¹¹.

O primeiro livro das memórias de Pedro Nava, *Baú de Ossos* (1972)¹¹² foi muito bem recebido pelos críticos literários e intelectuais na época de sua

¹¹¹ Fundação Casa de Rui Barbosa, *Inventário Pedro Nava*, p. 26.

¹¹² Segundo o próprio autor foi escrito no Rio de Janeiro, Glória, a partir de 1º fevereiro de 1968 e concluído em 15 de outubro de 1970. Observamos que Nava teve a preocupação de datar

publicação. Entre os que aclamaram o livro, o poeta Carlos Drummond de Andrade, que disse:

Do baú salta a multidão antiga de vivos, pois este médico tem o dom estético de, pela escrita, ressuscitar os mortos. E não só eles, mas também o espaço e o tempo em que suas vidas se situaram são restituídos por um poder criador poderoso, que se vale da memória serva da arte¹¹³.

Pedro Nava já era conhecido pelos seus poemas bissextos como assim os intitulou o próprio Nava e Manuel Bandeira¹¹⁴, principalmente por um deles - *O Defunto* – que encantou Pablo Neruda, e segundo o sobrinho do autor, Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro, o poeta chileno certa vez ao desembarcar no Rio de Janeiro, quando perguntado sobre o que gostaria de conhecer no Brasil foi enfático e contundente na resposta: - Pedro Nava, o autor de um dos melhores poemas que conheço.

O memorialista, segundo conta Paulo Penido¹¹⁵, recebeu uma carta de próprio punho de Pablo Neruda dizendo que *O defunto* era o melhor poema da literatura brasileira, e que Nava a conservava na parede de seu gabinete, ostentando-a como um importante troféu.

O defunto, aliás, apesar de ser uma das primeiras obras do então poeta Pedro Nava e de sua publicação ter se dado em 1938, 34 anos antes do

todos os volumes de suas memórias com atentando ao leitor com as datas de início e término de cada um deles. Então, o ano de 1972 é a data da primeira edição.

¹¹³ *Baú de surpresas*, in *Jornal do Brasil*, São Paulo 10/10/1972.

¹¹⁴ Manuel Bandeira compilou poesias de Nava e de vários poetas no livro intitulado *Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto* contemporâneos.

¹¹⁵ Paulo Penido, autor do livro *Pedro Nava - O Bicho de Urucutum Seleção de textos e desenhos de Paulo Penido*, sobrinho de Nava e também médico, obra que contém uma longa entrevista de Paulo a Cláudio Aguiar sobre o memorialista, cuja primeira edição foi em 1998. Nela há informações sobre a obra e a vida de Nava, além de ser uma reação à biografia de Monique Le Moing.

lançamento de *Baú de Ossos* (1972) – primeiro volume das memórias de Pedro Nava –, consideramos que esse poema sintetiza e, de alguma maneira, prenuncia sua obra memorialística, portanto, também, reflete a respeito do tempo-memória.

A temática do tempo-memória é recorrente não só na literatura brasileira, mas também na literatura universal, pois está ligada à vida humana, ao próprio ato de contar histórias. Sendo assim, muitos escritores antes de Nava, trilharam os caminhos do tempo-memória. Fiquemos, por hora, apenas com autores brasileiros contemporâneos de Nava que escreveram memórias, tais como: Oswald de Andrade com *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924) e *Um homem sem profissão (Sob as ordens da mamãe)*, Mário de Andrade com *Macunaíma* (1928), Graciliano Ramos com *Angústia* (1936) *Infância* (1945), e *Memórias do Cárcere* (1953), Murilo Mendes com *A idade do serrote* (1968) e Raquel de Queiroz com *Memorial de Maria Moura* (1992) e *Tantos anos* (1998). Além destes, temos as obras poéticas memorialísticas de Carlos Drummond de Andrade *Boitempo* (1968) e *Menino Antigo – Boitempo II* (1973).

Como já dissemos, Pedro Nava ficou muitos anos sem se dedicar à literatura de maneira tão intensa como fez nos últimos 15 anos de sua vida. Na literatura passou por dois pólos opostos, “de bissexto a contumaz”. Sobre esse aspecto, Carlos Drummond de Andrade fez as seguintes afirmações após a publicação de *Baú de Ossos*:

Como foi que o danado deste homem, preso a atividades profissionais duríssimas, que lhe granjearam fama internacional, consegue ser o escritor galhardo, lépido, contundente, que é? Por que não quis manifestar-se até agora senão em circunstâncias esporádicas, quando a isso o obrigava o recebimento de uma láurea ou

levado pelo desejo de homenagear um amigo? A vida quis torcer Pedro Nava para o rumo exclusivo da ciência, mas viu-se, afinal, que esta não o despojou da faculdade, meio demoníaca meio angélica, de instaurar um mundo de palavras que reproduz o mundo feito assim, generosa experiência do humano¹¹⁶.

Estando de acordo com as afirmativas de Drummond, Eneida Maria de Souza nos revela que:

Em plena década de 1970, o impacto causado pela publicação do primeiro volume das *Memórias* propiciou a releitura do cânone literário brasileiro. A retomada da tradição memorialista representava para a crítica a necessidade de refletir sobre conceitos até então recalcados pela vanguarda literária, tais como o de tradição, de memória e de autobiografia. Com a estréia de Nava, descortina-se novo panorama para as letras nacionais, no qual se mesclam a história e a ficção, a tradição e o novo, com o objetivo de ampliar a concepção de escrita memorialista e de modificar o estatuto do texto literário. Confirma-se não só o resgate de um gênero que se entrava em baixa, mas este se impõe como referência para a história, a política e a cultura das primeiras décadas do século XX.

O *boom* da escrita autobiográfica não tardaria a ter lugar na história da literatura contemporânea, principalmente com a abertura política no Brasil e a volta dos ex-exilados ao país. Inaugura-se outra modalidade de relato, principalmente devido a necessidade de se registrar a experiência vivida durante o período da ditadura militar. Mas a diferença entre o projeto de Nava e o de outros memorialistas reside justamente na proposta abrangente e fundadora¹¹⁷.

Sobre esse aspecto Monique Le Moing complementa:

A sua obra é ao mesmo tempo um testemunho sobre ele mesmo, uma autobiografia, uma constatação política e social – na medida em que descreve o mundo médico, o das escolas, a vida cultural do país e apresenta de modo original e sensível as grandes figuras do tempo – sobre a sociedade de Minas, a evolução do Rio de Janeiro ao longo do século XX, sobre o mundo visto do Brasil numa época tão perturbada da história¹¹⁸.

¹¹⁶ *Baú de surpresas*, in *Jornal do Brasil*, São Paulo, 10/10/1972.

¹¹⁷ Eneida Maria de Souza, *Pedro Nava por Eneida Maria de Souza*, p. 16.

¹¹⁸ Monique Le Moing, *A solidão povoada*, p 84.

Nas memórias de Nava há uma tensão entre biografia/ autobiografia/ memória, dado que o autor começa suas memórias restaurando a história da formação de sua família, da mesma maneira com que se preocupa em contar o passado histórico de nosso país, nossa gente e nosso modo de ser, como afirma o crítico literário Davi Arrigucci Jr.:

Desentranhar do passado e da terra onde cresceu o filão de sua história pessoal leva-o, portanto, a reanimar com a seiva viva da memória a grande árvore da vida familiar enterrada no tempo, com todo o emaranhado de suas raízes que a prendiam a um contexto histórico-social concreto e ainda mais fundo. Para isto, teve de devassar um bloco enorme da história do país, em busca do conhecimento de si mesmo, como se fosse obrigado a encarar a história da nação para reconhecer seu próprio retrato e poder situar-se em face do mundo. O projeto de Nava, implícito nas *Memórias*, é, portanto, o de uma narrativa enorme, de uma forma épica capaz de documentar o vasto conteúdo da formação sócio-cultural brasileira, já que a história que nos conta vai ganhando a dimensão simbólica do geral à medida que cresce e permite reconhecer cada vez melhor a imagem do destino singular de um indivíduo – de um “pobre homem” –, só compreensível pelas relações particulares múltiplas e complexas que mantém com um mundo ainda mais vasto, que é o seu e, até certo ponto, também o de todos nós. É por esse caminho, sempre esgalhado em muitas ramificações, que esse pobre homem avança no reconhecimento de sua *humaine condition*¹¹⁹.

Octavio Paz nos atenta para o fato de que “a palavra poética funda os povos. Sem a épica não há sociedade possível, porque não existe sociedade sem heróis em que reconhecer-se¹²⁰”. Além desse aspecto, Paz nos diz que a épica da sociedade moderna é o romance, que é ambíguo e no qual cabem desde a confissão e a autobiografia até o ensaio filosófico¹²¹. E o autor prossegue:

¹¹⁹ Davi Arrigucci Jr., *Enigma e comentário*, pp. 76-77.

¹²⁰ Octavio Paz, *Signos em rotação*, p. 68.

¹²¹ Idem, p. 68.

O romancista nem demonstra nem conta: recria um mundo. Embora o seu ofício seja o de relatar um acontecimento – e neste sentido parece-se com o historiador – não lhe interessa o contar o que se passou, mas reviver um instante ou uma série de instantes, recriar um mundo. Por isso recorre aos poderes rítmicos da linguagem e às virtudes transmutadoras da imagem. Sua obra inteira é uma imagem. Assim, por um lado, imagina, poetiza; por outro, descreve lugares, fatos, almas. Limita-se com a poesia e com a história, com a imagem e com a geografia, com o mito e com a psicologia. Ritmo e exame de consciência, crítica e imagem. Sua essencial impureza brota de sua constante oscilação entre a prosa e a poesia, o conceito e o mito. Ambigüidade e impureza que lhe vêm do fato de ser o gênero épico de uma sociedade fundada na análise e na razão, isto é, na prosa¹²².

Nava recria o seu mundo narrando as suas memórias. Resgata, dentro da própria história, a história do povo brasileiro, como cabe aos bons narradores. Em *Baú de Ossos* há um material que parece um mosaico da história do Brasil, ele refaz sua árvore genealógica, mostra também a formação do povo brasileiro em um país rico em misturas.

Ecléa Bosi nos explica que: “A narração é forma artesanal da comunicação. Ela não visa a transmitir o “em si” do acontecido, ela tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma¹²³”. Sendo assim, o narrador tece as suas histórias e se reconstrói também num mundo que é feito não só de ações, mas também de símbolos e linguagem.

¹²² Octavio Paz, *Signos em rotação*, pp. 68-69.

¹²³ Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, p. 88.

CAPÍTULO III: O Tempo-Memória em *Galo-das-trevas*

Tempo rei

Gilberto Gil

Não me iludo, tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos

Pães de Açúcar, corcovados
Fustigados pela chuva e pelo eterno vento
Água mole, pedra dura
Tanto bate que não restará nem pensamento

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Pensamento, mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos

Mães zelosas, pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo

Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei¹²⁴

¹²⁴ Carlos Rennó, *Gilberto Gil todas as letras*, p. 285.

1. As memórias de Pedro Nava

Se o espaço é infinito, não pode ser dividido em distâncias; se o tempo é função das divisões do espaço – não existe senão convencionalmente. O que chamamos tempo – passado presente, mesmo sua dimensão futura – é apenas fabricação da memória. Só existe enquanto duramos ou quando o transmitimos com pobres meios ao conhecimento alheio.

Pedro Nava

A narrativa da memorialística Naveana estrutura-se por um tempo, marcadamente cronológico, como a vida humana, mas não se restringe-se apenas a uma mera cronologia.

Cabe ressaltar, a ligação do autor com o tempo pode ser percebida, também, porque ele intencionalmente datou o início e término de cada volume, marcando assim o tempo e a passagem dele.

Nava faz a reconstituição do tempo, precedendo a própria vida como que ressuscitando pela escrita, os seus mortos.

*Baú de ossos*¹²⁵ (01/02/1968-15/10/1970), publicado em 1972, é o primeiro volume de suas memórias, nele Pedro Nava conta a história de seus antepassados, constituídos de portugueses, italianos e no Brasil de cearenses e mineiros. Narra sua infância em Juiz de Fora e a ida da família para o Rio de Janeiro, onde reside até 1911, quando morre seu pai.

¹²⁵ Em 1972, ano da publicação de *Baú de Ossos* recebe o prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Clube do Brasil, na categoria não-ficção. Em 1973, este livro, entra para categoria do Dez mais vendidos.

*Balão Cativo*¹²⁶ (16/10/1970-13-06/1973), publicado em 1973, segundo volume, narra a volta da família para Juiz de Fora, em virtude da morte do pai de Nava. Com a morte da avó, Inhá Luísa, em 1913, a família parte para Belo Horizonte, onde o autor vai estudar no Colégio Anglo-Mineiro. Com o fechamento desse estabelecimento, elete retorna ao Rio de Janeiro, freqüentando o Colégio Pedro II, sendo colega de Afonso Arinos e de seu irmão Afrânio de Melo Franco, entre outros.

*Chão de ferro*¹²⁷ (17/07/1973-17/10/1975) que é publicado em 1976 conta a experiência do autor no internato Pedro II, em São Cristóvão, se estende até 1921, quando o então estudante fixa residência em Belo Horizonte, com objetivo de cursar Medicina. Surge, pela primeira vez, a personagem do primo de Nava Egon ou Zegão, que aparecerá em *Galo-das-trevas* como seu alter ego.

*Beira-mar*¹²⁸ (01/01/1976-11/04/1978) que foi publicado em 1978 corresponde ao período em o autor vive, mora pela segunda vez em Belo Horizonte, de 1921 a 1930. Neste volume o leitor conhece o grupo modernista mineiro. Nava participa da Geração Estrela, ou seja, do grupo conhecido como *Grupo do Estrela* (nome de um velho café onde se reuniam diariamente), núcleo responsável pela criação do Modernismo em Minas Gerais. A Escola de

¹²⁶ Cabe ressaltar que *Balão Cativo* foi o vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura em 1974, na categoria Biografia e/ou memórias. E também, foi relacionado na lista dos agraciados com o Prêmio Personalidade Global 73, promoção de *O Globo* e da Rede Globo de Televisão, na Literatura, por ter sido a grande revelação de autor, com dois livros que se colocaram entre os dez mais vendidos no Brasil. Recebe, ainda, o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes). E também que Pedro Nava recebe o prêmio da APCA.

¹²⁷ Em 19 de agosto de 1976. Recebe o título de “Médico do Ano” da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos. É criado o Prêmio Pedro Nava da Sociedade Brasileira de Reumatologia a ser atribuído ao especialista brasileiro que mais se destacar no combate à doença, a cada biênio. “O nome do prêmio é uma homenagem ‘ao reumatologista de atividade pioneira e a que tanto ficaram devendo os serviços que criou ou aqueles pelos quais passou’.” (*Boletim Informativo*, Academia Nacional de Medicina, 6 de maio de 1976).

¹²⁸ Em 1979 *Beira-mar* entra para a lista Dez Mais Vendidos.

medicina é também retratada na figura de seus professores e alunos. A cidade de Belo Horizonte ganha ares de metrópole e se moderniza.

*Galo-das-trevas*¹²⁹ (05/06/1978-19/10/1980) publicado em 1981, se inicia com descrição do memorialista de seu apartamento na Glória, ao romper com o fluxo cronológico que vinha seguindo até então. Narra no presente das *Memórias* e deixa um depoimento contundente sobre a relação com os objetos e a morte. Os capítulos seguintes se passam em Belo Horizonte, após a formatura de Nava, destacando-se os acontecimentos que preparavam a revolução de 1930. No final do livro o autor se dirige aos leitores dizendo: “Gostou de MEMÓRIAS/5? Pois aguarde para breve MEMÓRIAS/6 e a segunda parte deste livro designada: O CÍRIO PERFEITO – Galo-das-trevas/2¹³⁰”. Pelas palavras do autor mais do que um sexto volume de suas memórias, *O círio perfeito* deve ser entendida como a continuação de *Galo-das-trevas*, segundo o que explica o autor.

*O círio perfeito*¹³¹ (02/12/1980-18/09/1983) publicado em 1983, começa com a descrição minuciosa da situação em Belo Horizonte com o deflagrar da revolução de 1930. O jovem médico trabalha na Santa Casa parte depois para o interior de São Paulo, desgostoso com o suicídio de Lenora, sua noiva. Em 1933 volta para o Rio de Janeiro e ali se estabelece como médico reumatologista. A narrativa se estende até 1940, fornecendo um painel da intelectualidade brasileira da época.

¹²⁹ Com *Galo-das-trevas*, Nava mais uma vez figura entre a lista dos Dez Mais Vendidos do ano. Ainda em 1981, em 17 de agosto, torna público que deixou de exercer a medicina em razão de sua idade avançada e, ainda, que apenas atendendo raros e velhos clientes no consultório do seu sobrinho Dr. Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro.

¹³⁰ Pedro Nava, *Galo-das-trevas*, p. 441.

¹³¹ Em 1983, ano da publicação da obra da referida obra recebe o Prêmio Jabuti de Personalidade Literária. E, em março de 1984, recebe, por *O Círio Perfeito*, o primeiro prêmio de *O Livro do Ano*, da Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, escolhido por ampla maioria de um júri composto de 655 especialistas. O prêmio foi recebido por D. Antonieta Nava, já viúva, em julho.

*Cera das almas*¹³² (10/05/1983) temos o retrato de personalidades da medicina contemporâneas a Nava retratadas com humor e, também, com certa amargura. Este volume como em toda sua obra memorialística de Nava contém reflexões sobre o tempo.

Interessante ressaltar que logo após dar início a escrita do que seria o sétimo volume de suas memórias, Nava escreve uma carta a José Guilherme Merquior, datada de 24/05/1983, desautorizando-o a agir para promover sua entrada na Academia Brasileira de Letras. Eis um trecho dela:

Apesar de professar pela Academia o maior respeito possível – dentro de opinião que me transmitiu em conversa, Afonso Arinos – de que ela excede e é maior que qualquer acadêmico do passado, presente e futuro – o que decorre de sua grandeza como instituição – não acredito que a mesma seja indispensável a qualquer carreira literária que queira se coroar com ela. Penso nos que ficaram cá fora, de que tantos foram tão grandes como os que lograram fundá-la e nela entrar. Pertencço a uma geração que era de opinião anti-acadêmica e acho que será mais lógico continuar fiel aos princípios dos grupos dos “vinte” que, despi-los, à altura em que chegou a minha vida: dia 5 próximo completo 80 anos. Mentalmente e no fundo, mesmo sabendo-a inevitável e já na sua hora, rejeito a idéia da morte e uma das formas de rejeitá-la simbolicamente – é fugir da glorificação acadêmica. Terei saúde física para resistir à série de emoções que isto representaria? Está aí presente e me aconselha a ficar quieto o infarto do Guimarães Rosa que só se fardou em duas ocasiões: a da posse no transitório e a ocasião definitiva do tremendo passo que temos de dar para transpor a distância milimétrica que separa este mundo do nada. E, julgue-me você maluco ou um supernervoso – a idéia da farda passou a me perseguir e a não me dar mais momento de tranqüilidade¹³³.

Notamos que o autor enfatiza sua postura anti-acadêmica e pretende continuar fiel, mesmo aos 80 anos, o que mostra sua postura. Interessante

¹³² Como já dissemos, obra incompleta por causa do suicídio do autor.

¹³³ Eliane Vasconcelos, *Inventário do Arquivo Pedro Nava*, pp. 12-13.

notar também que ele se refere a Guimarães Rosa, que teve um infarto e faleceu logo depois de tomar posse na Academia Brasileira de Letras, algo que foi creditado à má sorte que podia trazer o fardão da academia. Nava preferiu não passar por isso. E nem quis saber de ver seu nome cogitado para uma eleição para integrar o corpo de imortais da ABL.

2. *Galo-das-trevas*: o candelabro e o fluxo do tempo

“O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro
E o tempo futuro contido no passado.
Se todo tempo é eternamente presente
Todo tempo é irremediável.
O que poderia ter sido é uma abstração
Que permanece, perpétua possibilidade,
Num mundo apenas de especulação.
O que poderia ter sido e o foi
Convergem para um só fim, que é sempre presente.
Ecoam passos na memória
Ao longo das galerias que não percorremos
Em direção à porta que jamais abrimos
Para o roseiral. Assim ecoam minhas palavras
Em tua lembrança”.

T. S. Eliot

O primeiro volume de suas memórias *Baú de Ossos* foi aplaudido pela crítica literária na época. *Galo-das-Trevas*, o quinto volume, foi publicado quando o autor já estava com 78 anos e é aberto com a explicação de dois dicionários a respeito do título, e em um deles, o Aurélio, a palavra composta que dá nome ao livro é um substantivo masculino e significa: candelabro triangular, com 13 velas, que vão sendo apagadas á medida que se cantam as várias partes das matinas ou ofícios da semana santa. (Pl.: *galos-das-trevas*.).

Segundo, o pesquisador da obra de Nava, Joaquim Alves Aguiar:

(...) o esquema geral do narrador das *Memórias* é o seguinte: até *Galo-das-Trevas* é grande a proximidade entre a voz que narra e matéria narrada. A partir desse volume, crescendo o grau de distância entre narrador e protagonista, aumenta o terreno da ficção, explicando-se, assim, as investidas romanescas de Nava no final da obra. O narrador transforma-se em personagem secundário que relata e testemunha as aventuras da vida do seu *alter ego*. É como se a escrita se libertasse do rumo autobiográfico que vinha seguindo, tomando ali o atalho da pura ficção¹³⁴.

Dentre os volumes da memorialística do autor, *Galo-das-Trevas*, diferenciou-o do que havia feito nos volumes anteriores. Nava desenvolveu-o em dois planos: a primeira parte do livro que chamou de “Negro”, na qual temos um resumo de sua vida, ele é um autor-narrador-personagem e suas observações sobre o presente em que escreve o projetam para o passado. Na segunda parte, intitulada “O Branco e o Marrom” o autor conta o início de sua carreira, em Belo Horizonte, utilizando-se de um narrador em terceira pessoa. Isso quebrou o ritmo temporal escolhido para o texto, com a interrupção do fluxo cronológico com o qual tinha estruturado os volumes anteriores. Sobre este aspecto Joaquim Alves Aguiar continua:

(...) nos primeiros quatro volumes Nava segue uma ordem cronológica, mais linear na escritura de suas memórias, pois ‘a cronologia é uma conquista do narrador’ mesmo que em alguns momentos da narrativa ‘o entrecortado da memória impeça o um encadeamento lógico das imagens’¹³⁵.

Além da interrupção do fluxo cronológico, na primeira parte do livro, temos a descrição do seu processo de escrita conforme diz o próprio Nava:

¹³⁴ Joaquim Alves Aguiar, *Espaços da memória*, p. 20.

¹³⁵ *Idem*, p. 21.

Abri e fui tomando conhecimento do que continham as cinco pastas. Eram centenas de folhas manuscritas ora em forma de narrativa, ora de diário, cartas telegramas, fotografias de família e fotografias e fotografias obscenas, recortes de jornal, desenho de casas em que morara, notas de suas viagens pelo mundo, às vezes só uma palavra mágica no quadrado de um papel, às vezes citações copiadas do livros que lera, páginas arrancadas deles, recibos, prospectos, recortes de faits-divers, de convites para missa, participações de falecimento, casamento, nascimento, receitas de médico e receitas de doces. Havia escritos em papel de carta, de telegrama, margens de jornal, avesso de volantes, papel de cópia, de carta, ofício, alçaço. Havia de tudo. Pus em ordem cronológica, depois, nos entreperíodos datados, os fatos mostrados, apontados, flagrados ou comentados, relacionei com estes os documentos fotográficos e de lembranças que eram coevos e fascinado com o que me oferecia a vida do amigo, resolvi transformá-la na narração que se vai ler sob o título o branco e o marrom¹³⁶.

O autor prossegue com a proposição para o novo narrador das memórias: Egon, seu alter-ego:

E o que me assombra é que a existência do Egon era um carbono, uma espécie de xérox da minha. De tal maneira que a continuação de minhas memórias se tornou inútil diante da publicação que vou promover das do meu primo-amigo. Com a vantagem de serem mais bem escritas do que eu seria capaz de o fazer – meu parente sempre tendo mostrado especial vocação para as letras, desaproveitada devido a sua eterna desvalorização de si mesmo. Ele e sua papelada me restituíram um passado tão congênere que sua busca do tempo perdido era a minha. Nunca mais tive notícias dele mas sei que está vivo porque estou vivo. Sua existência foi a minha e a minha continua a ser a de José Egon Barros da Cunha. Quando ele me faz suas novas – fecho os olhos, penso – logo ELE existe¹³⁷.

Com um novo narrador instituído nas memórias, uma questão nos faz pensar sobre a postura do autor ante a declarar, claramente, que

¹³⁶ Pedro Nava, *Galo-das-trevas*, p. 101-102.

¹³⁷ Idem, p. 101-102.

Egon passará a contar suas memórias comprometendo a veracidade dos fatos narrados. Acerca deste aspecto a pesquisadora Ana Haddad nos esclarece:

Ao lidarmos com um texto de memórias, uma das primeiras reflexões que devemos fazer é a respeito da ficção e da 'realidade'. No contexto da história da ciência, tal indagação nos conduz a uma profunda investigação conceitual a respeito do caráter da história e um questionamento da historiografia. O primeiro ponto a ser levantado diz respeito a veracidade do que foi narrado. Eis uma questão, em princípio nada fácil. Quais devem ser os pressupostos? Vários dos quais selecionamos apenas alguns. Diante de um diário ou de uma obra de memórias, via de regra, partimos da hipótese de que tudo o que foi registrado, especialmente, as observações, comentários e outras descrições são 'reais' ou 'verdadeiros'¹³⁸.

Será mesmo que os mais variados textos de memórias, não apenas os de Nava, contém em si apenas a 'verdade' do que foi vivenciado, ou ainda, a 'revelação total do que foi vivido' ou estariam recheados de ficcionalidade? E autora continua: "é muito mais fácil detectarmos verdades em romances e poemas do que em livro de memórias. (...) Memórias ou diários, na maioria das vezes contém um alto grau de subjetividade, tendencialidade e distorções"¹³⁹.

Sobre o alto grau de subjetividade de um texto de memórias também apontado pela pesquisadora, no caso específico da obra *Naveana*, Joaquim Alves Aguiar nos esclarece que: "As memórias de Nava aspiram a uma condição próxima à do romance"¹⁴⁰.

Ainda sobre este aspecto das obras de Nava, Antonio Candido afirma:

¹³⁸ Ana Maria Haddad Baptista, *História das Ciências e Literatura: possibilidade de uma interface*, p. 84.

¹³⁹ Idem, p. 84.

¹⁴⁰ Joaquim Alves Aguiar, *Espaços da memória*, p. 19.

(...) a autobiografia desliza para a biografia, que por sua vez tem aberturas para a história de grupo, da qual emerge em plano mais largo a visão da sociedade, traduzida finalmente numa certa visão de mundo. O motivo dessa transfiguração do dado básico é sem dúvida o tratamento nitidamente ficcional, que dá ares de invenção à realidade, transpondo para lá deles mesmos o detalhe e o contingente, o individual e o particular¹⁴¹.

Em consonância com a afirmação de Candido, Ana Haddad nos conclama a seguinte reflexão: “ao manusear os acontecimentos descritos ao sabor de sua preferência¹⁴²” o autor de um texto de memórias ou mesmo um diário não estaria elevando o grau de subjetividade das mesmas? Acreditamos que sim. E ainda, nas palavras, do autor:

Escrevendo minhas memórias, faço uma interpretação pessoal de fatos a que assisti. Pelo fato de ser pessoal, essa narração já é deformada. Para contas um fato passado, tenho que voltar atrás com a recordação, atravessando o tempo com a bagagem de experiências que fui acumulando e carrego no presente. Em outras palavras: tomo quatro ou cinco pedaços de verdade, acrescento uma parte de imaginação e, tirando conclusões, faço uma reconstrução verossímil. Machado de Assis costumava dizer que verossímil é muito mais certo que a verdade¹⁴³.

Nessa fala vislumbramos a forma de criar a ficção na obra do autor. Nesse processo de escritura em que ele transita pelo passado e o presente e, de acordo com ele, toma algumas verdades e acrescenta partes de imaginação, mostrando o processo de trabalho com a escrita em que o real e o imaginário se confundem. Assim, vemos como procede um escritor para construir o seu mundo ficcional e torná-lo verossímil. A ficção se torna uma forma de resistência ao real, uma espécie de necessidade vital para o autor.

¹⁴¹ Antonio Candido, *A educação pela noite e outros ensaios*, p. 61.

¹⁴² Ana Maria Haddad Baptista, *Bifurcações do tempo-memória na literatura*, p. 155.

¹⁴³ Pedro Nava, *Pedro Nava: um mineiro de propósito*. In: O Estado de São Paulo. Suplemento literário. São Paulo. 12/12/1972.

Nava defende também a boa literatura e propõe que uma obra memorialística seja considerada como as maiores obras literárias, segundo afirma:

(...) biografia, história, lembrança e memória não pode ser literatura? Sim. É literatura quando escrita com a surpresa e o mistério da poesia. Com as qualidades da clareza e do estilo original. As discussões daquelas diferenças não conduzem a nada. Em Balzac e Proust, onde acabam os romancistas e começam os memorialistas de suas respectivas épocas? Em Saint-Simon, onde termina o memorialista o romancista e o contista? Tolstói em *Guerra e Paz* é o autor do maior romance contemporâneo ou da prodigiosa crônica da Europa Napoleônica? A própria obra de Hipócrates – o Pai da Medicina – é considerada por Littré um dos maiores monumentos literários de sua língua e sua época. Na opinião do que fala é ocioso discutir os limites da literatura. Literatura é tudo aquilo feito com bom estilo, tudo que é bem escrito e que é bem tocado, ainda que de leve, pela mão da poesia¹⁴⁴.

O interessante nessa afirmação de Nava é que ele não só defende a obra memorialística como também coloca uma definição de literatura. Sendo assim, o importante para ele não é só o conteúdo do livro, o que se conta, mas sua forma, o como se conta, é o que pode ser chamado de literatura.

¹⁴⁴ Pedro Nava, *O círio perfeito*, p. 356-357.

3. Tempos Naveanos

“[...] Vamos a essa prodigiosa abstração do Tempo, breve segundo continente do infinito, fabuloso país em que vivi (irreversivelmente) e até onde – nem os automóveis, ou os tapetes mágicos, os trens, os navios, os ventos, os aviões, as nuvens, os módulos espaciais serão capazes de me fazer retornar. Só o pensamento mais rápido que os foguetes estratosféricos, só a saudade-minuto-luz podem me arrebatam nessa viagem para as distâncias siderais de mim mesmo”.

Pedro Nava

Conforme vimos, a obra memorialística de Nava apresenta claramente uma estrutura temporal cronológica, pois apesar das digressões e da liberdade de transitar nos tempos ao sabor da memória há uma preocupação constante de reconstruir um caminho e encontrar “o tempo perdido”. Conforme nos esclarece Monique Le Moing: “Pedro Nava [...] reencontra o fio do tempo, seguindo os sentimentos trazidos à tona pelas lembranças, recordando o tempo perdido graças a uma escritura simbiótica, uma ‘escritura verdade’”¹⁴⁵. Essa ‘escritura verdade’ é ditada, muitas vezes, pela dimensão cronológica do tempo que guia e estrutura as memórias, mas também é entrecortada pelo tempo subjetivo.

Observamos nas memórias de Nava, sobretudo na obra, em referência, *Galo-das-trevas*, dois níveis de temporalidade: o tempo cronológico e o tempo subjetivo.

¹⁴⁵ Monique Le Moing, *A solidão povoada*, p. 79.

a. Tempo Cronológico

[...] Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos
Tempo Tempo Tempo Tempo entro num acordo contigo
Tempo Tempo Tempo Tempo
Por seres tão inventivo e pareceres contínuo
Tempo Tempo Tempo Tempo és um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo [...]

Caetano Veloso

O tempo cronológico é a noção de tempo mais comum que temos, marcado pelo mundo e pela prática social, ligado aos relógios e por “uma” certa ‘ordem’. Caracteriza-se pela sucessão dos acontecimentos de segundo a segundo, minuto a minuto, hora após hora e, também, pela irreversibilidade, ou seja, o que aconteceu está acontecido e podemos acessar os fatos pela memória. Assim, narrativas de caráter cronológico, como se sabe, caracterizam-se pelas ações transcorrendo num começo, meio e fim.

O crítico literário Alfredo Bosi (1936) nos fala a respeito do narrar estar completamente atrelado ao contar e por assim dizer ligado ao tempo cronológico que por sua vez mantém um elo com o tempo histórico, o autor afirma:

Um dos significados mais antigos da palavra *número*, em latim *numerus*, é precisamente este: parte de um todo, elemento de uma série ordenada.

Assim também é a data para a visão retrospectiva do narrador. Os fatos se passaram uns depois dos outros. Para *contá-los*, isto é, narra-los, é preciso também *contá-los*, isto é, enumera-los. Contar é narrar e contar é numerar. Contar o que aconteceu exige que se digam o ano, o mês, o dia, a hora em que o fato se deu. O ato de narrar paga tributo ao deus Chronos.

Para o olhar seqüencial, tudo quanto sucede traz a chancela de um número disposto em série; logo, o monumento passado, o momento anterior, já não passou e, matematicamente, não volta mais¹⁴⁶.

Bosi diz, ainda que:

Entramos assim a falar do tempo histórico em uma linguagem de irreversibilidade. Pertencem a essa concepção de tempo as idéias – só na aparência contrastantes – de passamento de cada instante e de prossecução. Cada minuto da História dura até apagar-se, isto é, esvai-se, mas para ser substituído por outro, e assim sucessivamente¹⁴⁷.

Em *Galo-das-trevas*, Nava começa a obra estabelecendo um diálogo com o leitor a sobre a melhor maneira de traduzir o texto de Shakespeare que nos propõe uma reflexão sobre o respeito do tempo:

Como traduzir? mais corretamente *honest*. Por honesto, evidentemente, por extensão, analogia, também por verdadeiro, autêntico, genuíno, natural, intrínseco, básico, fiel, direito, verossímil. Quem tem dessas qualidades é correto e puro. E se é assim, tem vergonha. Então, lícito verter o texto shakesperiano:

- Que horas são?
- São horas de ter vergonha.

É o que penso no dia em que completo setenta e cinco anos de vida e começo este meu quinto volume de memórias¹⁴⁸.

Ao marcar esse início de narrativa com a data de seu aniversário, o autor nos situa no tempo 5 de junho de 1978, faz questão de mostrar ao leitor o início e o fim de sua tessitura.

¹⁴⁶ Alfredo Bosi, *O tempo e os tempos*, p. 19-20.

¹⁴⁷ Idem, p. 20.

¹⁴⁸ Pedro Nava, *Galo-das-trevas*, p.5.

O tempo cronológico em *Galo-das-Trevas* é marcado nessa primeira parte para nos mostrar o momento presente da escrita, a ligação afetiva do autor com a cidade do Rio de Janeiro, seus medos, suas angústias e suas lembranças. Neste momento, temos um narrador-personagem, cujas observações sobre o presente em que escreve o projetam para o passado.

b. Tempo Subjetivo

Ana Haddad nos fala do tempo subjetivo em oposição ao cronológico, de maneira a defini-lo:

Em franca oposição ao tempo cronológico, teríamos uma outra modalidade de tempo que seria o tempo da experiência individual e particular do ser humano, comumente denominado de tempo 'subjetivo'. Tal modalidade temporal é irreconciliável com o tempo cronológico porque obedece inteiramente aos ritmos interiores de cada indivíduo, portanto, está estritamente interligado e conectado à sua identidade, variável de pessoa para pessoa¹⁴⁹.

O tempo subjetivo é intensamente explorado em *Galo-das-trevas*. Nava nos revela:

Sem saber como, em vez de retomar estas memórias onde as tinha deixado, ou seja, na última linha do *Beira-mar* – neste capítulo de meu quinto volume, procedi a verdadeira subversão do Tempo e aqui estou falando de velho, nestes idos de 1978. Faz mal não. Tem ocasião de voltar, retomar o fio da meada. Agora continuemos um pouco na minha época atual – porque o sucedido nela vai governar muito o modo de retomar contar o pretérito¹⁵⁰.

O trecho acima revela-nos a escolha do autor por manipular o tempo ao sabor dos seus 'ritmos interiores' e assim aumenta o grau de subjetividade no texto.

¹⁴⁹ Ana Maria Haddad Baptista, *Tempo-memória em Graciliano Ramos*, p.43.

¹⁵⁰ Pedro Nava, *Galo-das-trevas*, p. 79.

A respeito da reversibilidade do tempo subjetivo através da palavra e da memória Alfredo Bosi afirma:

A memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem. Pela memória as pessoas que se ausentaram fazem-se presentes. Com o passar das gerações e das estações esse processo “cai” no inconsciente lingüístico, reaflorando sempre que se faz uso da palavra que evoca e invoca. É a linguagem que permite conservar e reavivar a imagem que cada geração tem das anteriores. Memória e palavra, no mundo inseparáveis, são a condição de possibilidade do tempo reversível¹⁵¹.

Nesse processo de busca interna a linguagem, segundo Bosi, tem um papel preponderante, já que é através dela que o narrador – em *Galo-das-trevas* – consegue reverter o tempo, como ele coloca. O tempo é relativizado, também, pela transposição do narrador que já não mais Pedro Nava e sim seu alter ego. Nas palavras de Nava:

Conversando comigo, nessa espécie de falar sozinho é que no dia 1º de fevereiro de 1968 comecei a redigir minhas lembranças. Por elas reduzi ao mínimo minha convivência até com amigos, até os que mais quero, para não fragmentar e destruir meu tempo, o tempo de que preciso para mim. E essa fase foi a da punção como num poço, a penetração a fundo de outro homem como eu, outro misantropo e eterno esnobado, vivendo vida de exílio dentro do nosso próprio país. Refiro-me ao que tem sido meu companheiro cada vez mais chegado, meu sócia, primo, amigo de infância, colégio, faculdade, vida, profissão afora. Falei dele no *Chão de ferro* e no *Beira-mar*. É o que no Pedro II e Faculdade de Medicina de Belo Horizonte era conhecido como Zegão e que depois de formado passou a ser o Doutor José Egon Barros da Cunha, mineiro de Santo Antônio do Desterro – outrora Vila Nova d’El-Rey de Santo Antônio do Desterro no Mato Grosso das Minas – nos dias dagora Santo Antônio do Desterro ou só Desterro. Margem do Paraibuna, beira do Caminho Novo. Pela física ou pela química do mais apelativo, meu parente e amigo é chamado Doutor Egon ou só Egon – para os íntimos¹⁵².

¹⁵¹ Alfredo Bosi, *O tempo e os tempos*, p. 28.

¹⁵² Pedro Nava, *Galo-das-trevas*, pp. 79-80.

É também utilizando a palavra que ele se sente capaz de reverter o tempo. Para ele, palavra e memória juntas reconstróem o mundo, o seu mundo. Dessa forma, a memória e a palavra estão interligadas, não existindo uma sem a outra.

Bosi ainda afirma: “O diálogo com o passado torna-o presente. O pretérito passa a existir, de novo. Ouvir a voz do outro é caminhar para a constituição de uma subjetividade própria”¹⁵³.

O trabalho de reconstituição do mundo é feito com esse diálogo interior do presente com o passado. É esse diálogo que o constitui e reconstitui como indivíduo. Assim, para Nava, parece que é o processo de revisitação de sua vida passada que o constitui como sujeito. É como se ele não conseguisse viver e nem se considerar a pessoa que é sem o uso constante de sua memória nesse trânsito entre presente e passado.

¹⁵³ Alfredo Bosi, *O tempo e os tempos*, p. 29.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do tempo-memória na obra de Pedro Nava não se mostrou um tema de fácil esgotamento. Sua estética memorialística parece-nos generosos por oferecer uma infinidade de possibilidades de leituras. Essa dissertação é apenas uma.

Ao longo do trabalho de desfiar e *des-tecer* o imenso tecido que é a obra naveana vamos encontrando fios e fios que dariam imensos textos e temos que fiar/tecer um texto que sintetize o resultado de nossa leitura. No entanto, notamos que 'no meio do caminho' haveria mil fios a serem escolhidos e mil maneiras de, igual Penélope, tecer esse retrato do escritor e do tempo/memória. Porém, temos que enveredar por um caminho e escolher os fios que formam o tecido final.

Não é sem angústia que escolhemos. As possibilidades que se abrem revelam caminhos que devemos escolher, mas eles se multiplicam em milhares como um caleidoscópio brilhante com muitas faces refletidas de luz e apenas um lado parece perder o brilho. No entanto, tivemos que optar pelo caminho possível que nos aponta no final dessa pesquisa.

A história da ciência nos ofereceu, também, a possibilidade de uma leitura interdisciplinar voltada à ciência e à literatura, destacamos a estética temporal de Nava enquanto um reflexo de uma confluência científico-literária iniciada no ambiente artístico europeu no final do século XIX e início do século XX. E, também, um reflexo do diálogo entre filosofia, física e literatura que tanto contribuiu para o fazer científico e artístico.

Observamos que nas memórias de Nava, a tessitura do tempo-memória é feita, a partir de uma apreensão da temporalidade de maneira subjetiva, mesmo que em muitos momentos o tempo cronológico e objetivo faça parte da rememoração ele aparece submetido ao tempo subjetivo.

Salientamos, ainda, que um estudo a respeito do tempo-memória na obra de Pedro Nava não se esgota numa dissertação de mestrado, dada a riqueza, pluralidade e profundidade da obra do memorialista e nem tivemos essa pretensão. Fizemos um recorte na obra do escritor para uma análise temática que possibilitasse uma interpretação sobre como são trabalhados: o tempo e a memória a partir de uma obra memorialística, com traços autobiográficos na qual o narrador teve um papel fundamental na construção da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- Agostinho, Santo. *Os pensadores*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- Aguiar, Joaquim Alves. *Espaços da Memória. Um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo, Edusp, 1998.
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria & M. H. R. Beltran, orgs. *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas*. São Paulo, Educ, 2004.
- Andrade, Carlos Drummond de. *Baú de surpresas*, in *Jornal do Brasil*, São Paulo 10/10/1972.
- Andrade, Mário de. *Poesias completas*. São Paulo, Itatiaia, 1987.
- Aristóteles, *Os pensadores*. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- Arrigucci Júnior, Davi. *Enigma e comentário. Ensaio sobre Literatura e Experiência*. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.
- Baptista, Ana Maria Haddad. *Bifurcações do Tempo-Memória na Literatura*. São Paulo, Catálise Editora, 2002.
- _____. *História das Ciências e Literatura: possibilidade de uma interface*. 2006, vol. 1 p. 84, <http://circumscribere.incubadora.fapesp.br/portal>, 01 de jul. 2007.
- _____. *Tempo-memória em Graciliano Ramos*. São Paulo, Dissertação de mestrado, 1993.
- _____. *Tempo-memória*. São Paulo. ArKé Editora. 2007.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet 7ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- Blomm, Harold. *A Angústia da Influência: uma Teoria da Poesia*. Trad. de Artur Nestrovski. Rio de Janeiro, Imago Ed. 1991.
- Borges, Jorge Luis. *Narraciones*. Madri, *Edición de Marcos Ricardo Barnatán*. Catedra, Letras Hispánicas, 1999.
- _____. *O fazedor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo, Globo, 1999.

- Bosi, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças dos velhos*. 2ª ed. São Paulo. Edusp/ T. A. Queiroz, 1987.
- Brandão, Junito de Souza. *Dicionário Mítico Etimológico da Mitologia Grega- A- I- Volume I*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- Calvino, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.
- Campos, Haroldo. *A máquina do mundo repensada*. 2ª ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2004.
- Candido, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo. Editora Ática, 1989.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo, 8ª ed. T. A. Queiroz, Publifolha, Grandes nomes da literatura brasileira, 2000.
- Chauí, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo, Editora Ática, 1994.
- Deleuze, Gilles *Proust e os signos*. Trad. Antonio C. Piquet e Roberto Machado. 2ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária. 2006.
- Einstein, Albert. *Escritos da maturidade*. Trad. M.L. X. A. Borges. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1994.
- _____. *Notas autobiográficas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.
- Eliot, Thomas Stearns. *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- Ferraz, Eucanãa. org. *Caetano Veloso – letra só*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- Gaarder, Jostein. *O mundo de Sofia*. Trad. de João Azenha Jr. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- Giacoa Junior, Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo, Coleção Folha Explica, Publifolha, 2000.
- Hesíodo, *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e trad. de Jaa Torrano. São Paulo, Iluminuras. 1995.
- Houaiss, Antônio. *Ulisses de James Joyce*
<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT920951-1655,00.html> –
acessado em 01/03/09.
- Jacob, François. *O jogo dos possíveis*. Trad. Luís J. Archer. 3ª ed. Lisboa, Gradiva, 1992.

- Le Moing, Monique. *A solidão povoada – Uma biografia de Pedro Nava*. São Paulo, Nova Fronteira, 1996.
- Levy, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Tradução Carlos I. da Costa. Rio de Janeiro. Editora 34, 1993.
- Lightman, Alan. *Sonhos de Einstein*. Trad. Marcelo Levy. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.
- Morin, Edgar, *Cultura de massas no Século XX, volume 1 – Neurose*. Trad. de Maura R. Sardinha. 8ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.
- Nava, Pedro. *Baú de Ossos*. 11ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2005.
- _____. *Balão Cativo*. 9ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Chão de Ferro*. 3ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.
- _____. *Beira-Mar*. 5ª ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Galo-das-Trevas*. 5ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *O Círio Perfeito*. 5ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Cera das Almas*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2006.
- _____. *A Medicina de Os Lusíadas*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.
- _____. *Viagem ao Egito, Jordânia e Israel*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1998.
- _____. *Cadernos 1 e 2*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.
- _____. *O Anfiteatro – Textos sobre Medicina*. 2ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *O Bicho Urucutum*. 2ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- _____. *Pedro Nava: um mineiro de propósito*. In: O Estado de São Paulo. Suplemento literário. São Paulo. 12/12/1972.
- Nietzsche, Friedrich. *Os pensadores*. Sel. de textos de Gerard Lebrun, Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo, Nova Cultural, 1990.
- Novaes, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Companhia da Letras, 1992.
- Paz, Octavio. *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião U. Leite. 3ª ed. São Paulo, Perspectiva, 2003.

- Penha, João da. *O que é existencialismo*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- Pound, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1998.
- Prigogine, Ilya. *O nascimento do tempo*. Lisboa. Edições 70. 1988.
- Proust, Marcel. *No caminho de Swann*, Trad. Mario Quintana, 3ª ed. São Paulo, Editora Globo, 2006.
- _____. *O tempo redescoberto*. Trad. Lucia Miguel Pereira. 8ª ed. São Paulo, Editora Globo, 1988.
- Rennó, Carlos. org. *Gilberto Gil: todas as letras*, 2ª ed. São Paulo, Companhia da Letras, 2002.
- Vasconcelos, Eliane. org. *Inventário do arquivo Pedro Nava*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.
- Ventura, Zuenir. *Minhas histórias dos outros*. São Paulo, Editora Planeta, 2001.
- Whitrow, Gerald James. *O Tempo na História*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.